

Entre os Santos, sobressai Maria, Mãe do Senhor e espelho de toda a santidade.

*“A minha alma engrandece o Senhor “*

Maria expressa assim todo o programa da sua vida:  
não colocar-se a si mesma ao centro, mas dar espaço ao Deus  
que encontra tanto na oração como no serviço ao próximo.

Maria é grande, precisamente  
porque não quer fazer-Se grande a si mesma,  
mas engrandecer a Deus.

Ela é humilde:  
não deseja ser mais nada senão a serva do Senhor.  
Sabe que contribui para a salvação do mundo,  
não realizando uma sua obra,  
mas apenas colocando-Se totalmente à disposição das iniciativas de Deus.

Bento XVI, Deus Caritas est, 41

## **Sumário** **setembro - outubro de 2012**

### **VIDA ESPIRITUAL**

- 346 Carta de 15 de agosto de 2012  
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 350 “Um coração indiviso”: o silêncio, a escuta, a oração  
Padre Patrick Griffin, Diretor geral
- 361 Com Maria, cantar o Magnificat  
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade

### **DESAFIOS ATUAIS**

#### **Hoje com os Fundadores**

- 374 Província de Santo Domingo  
“Nosso serviço junto aos bateys e na região de Quisqueya”  
A Comunidade de Quisqueya

### **ATUALIDADES DAS PROVÍNCIAS**

#### **Nomeações**

- 379 Designação de Visitadores e nomeação de Diretores Provinciais

### *Testemunho das Irmãs*

- 381 Província de Santa Luísa EUA  
“El Paso, a serviço dos imigrantes sem documentos”  
Irmã Luísa Gallahue, Filha da Caridade
- 383 Província da Eslováquia  
“A missão em Omsk” (Rússia)  
Irmã Damiana Pagocova, Filha da Caridade

### **HISTÓRIA DA COMPANHIA**

#### *Fontes e Atualidades*

- 385 No tempo de São Vicente e hoje  
A espiritualidade de São Vicente (continuação)  
Padre João Morin, cm

### **IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL**

#### **Carta de 15 de agosto de 2012**

Minhas queridas Irmãs,

Que a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja sempre conosco!

*Hoje a Virgem Maria, a Mãe de Deus, foi elevada à glória do céu. Aurora e esplendor da Igreja triunfante, ela é consolo e esperança para o vosso povo ainda em caminho*<sup>1</sup>.

Com estas palavras tiradas do prefácio para a Solenidade da Assunção da Virgem Maria, desejo-lhes uma boa festa de 15 de agosto e agradeço-lhes imensamente pelos votos de festa e orações que testemunham a sua afeição pela Companhia. Fielmente, cartas e diversas mensagens chegaram-me dos quatro cantos do mundo. Nestas, recebo notícias dos seus serviços junto aos doentes, aos jovens, a todos aqueles e aquelas que são desprovidos de pão, de liberdade, de dignidade ou de afeição. Pude verificar ainda o quanto a Companhia é próxima dos pobres. São evocados igualmente os efeitos perversos da crise econômica e moral que atinge todos os continentes.

Fazer frente a tantas pobreza é um desafio que parece estar muito além de nossas forças; uma *vivência dinâmica*<sup>2</sup> dos apelos de nosso Documento Interassembleias, através das respostas propostas<sup>3</sup>, é o humilde caminho que nos oferece a Companhia. Ele passa por um enraizamento renovado em Jesus Cristo, um aprofundamento de nosso “viver juntas”, dos serviços criativos e audaciosos para manifestar o amor de Deus para com os pobres e é vivido no âmbito de nossa pertença à Companhia. Na verdade, é um humilde e difícil caminho nos deixar transformar pelo Espírito, que quer “*renovar nossos corações em profundidade, curar nossas feridas e as de toda a humanidade*”<sup>4</sup>.

Juntas olhemos a Virgem Maria na glória do céu, nossa guia neste caminho. Com efeito, sua vida foi preenchida pela presença do Espírito de Deus. Após sua morte<sup>5</sup>, ela foi elevada da vida

terrestre para entrar de imediato na vida em Deus. É invocada na Igreja sob os títulos de advogada, auxiliadora, mediadora. Hoje confiamos-lhe a Companhia que caminha, como o fizeram com frequência, São Vicente e Santa Luísa.

Na Casa Mãe, como nos diversos outros Santuários dedicados a Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, os peregrinos vêm quotidianamente apresentar com fervor suas intenções à Maria. Com a mesma confiança, exponhamos-lhe as necessidades de nossas Comunidades locais, de nossas Províncias, peçamos, por sua intercessão, a graça de nos deixar transformar pelo Espírito.

*“As almas verdadeiramente pobres e desejosas de servir a Deus devem ter grande confiança em que o Espírito Santo ao descer sobre elas, e não encontrando nenhuma resistência, as disporá convenientemente para cumprir a santíssima vontade de Deus, que deve ser seu único desejo”<sup>6</sup>.*

Esta carta do dia 15 de agosto me dá a ocasião de partilhar com todas, algumas notícias da Companhia:

### **ENCONTROS INTERNACIONAIS E FORMAÇÃO**

O Encontro Interassembleias das Visitadoras em maio foi um momento forte para parar, partilhar e desde já colocarmo-nos a caminho rumo a Assembleia geral de 2015. Sei que suas Visitadoras lhes deram algumas notícias de nossos trabalhos; ao longo dos meses, outras comunicações ser-lhes-ão encaminhadas.

No contexto do Ano da Fé, o Conselho geral vai organizar, em 2013 e 2014, diversas sessões internacionais de revitalização espiritual e vicentina.

Outro importante esforço de formação está sendo vivido nas Províncias com o estudo do Guia da Irmã Servente.

### **CELEBRAÇÕES**

Desde o começo deste ano, tive a alegria de participar de celebrações... o 150º aniversário da chegada das Irmãs à Guatemala em abril, os 300 anos da Província da Polônia em junho, os 150 anos de presença das Filhas da Caridade nas Filipinas em julho. Estas foram ocasiões de render graças pela audácia daquelas que nos precederam e de rezar, em união com todos os nossos colaboradores e com a Família vicentina, pela fidelidade ao carisma vicentino.

A Igreja que está em Cuba celebra este ano o 400º aniversário da “Virgem da Caridade”; tive a possibilidade de retornar à Província nessa ocasião e fiquei profundamente tocada pela tenacidade das Irmãs, que servem corporal e espiritualmente os pobres num contexto frequentemente muito delicado.

## PROVÍNCIAS QUE SOFREM

Os cinco países da Província do Próximo Oriente (Egito, Irã, Líbano, Síria, Terra Santa) são abalados por correntes extremistas regionais, ameaçando sua estabilidade. De uma maneira particular, as Irmãs que vivem na Síria precisam de nossas orações, elas estão agora todas em Damasco, na Escola da Rua Bab Touma e no Hospital São Luís; partilham a agonia, as privações do povo sírio, testemunham pela sua caridade e suas orações. Entre as outras Províncias em sofrimento, gostaria de citar a Nigéria onde os conflitos inter-religiosos são endêmicos no norte e as Filipinas, frequentemente atingidas por catástrofes naturais. Atualmente, em Manila terríveis inundações expulsaram de suas casas numerosos habitantes e fizeram muitas vítimas. Certas obras das Irmãs foram também afetadas.

*“As provações da vida, ao mesmo tempo que permitem compreender o mistério da Cruz e participar nos sofrimentos de Cristo (cf. Cl 1, 24 , são prelúdio da alegria e da esperança a que a fé conduz: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2 Cor 12, 10)”<sup>7</sup>.*

## NOVA IMPLANTAÇÃO

No dia da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, 15 de junho passado, cinco Filhas da Caridade pertencendo às Províncias da África Central e da Eritreia começaram uma missão na República Centro-africana (país situado no norte do Congo, a leste de Camarões, ao sul do Chade e a oeste do Sudão). Muitos ramos da Família Vicentina já estão presentes neste país e acolheram com alegria nossas Irmãs, que vão servir em Safa, na diocese de Mbaiki, dedicando-se à educação, à saúde e à pastoral. Agora, pois, a Companhia está presente em 94 países.

Voltemos novamente nosso olhar à Maria. Três vezes ao dia, na hora do Angelus, pedimos-lhe que *rogue por nós e torne-nos dignos das promessas de Cristo*.

Esta oração harmoniza nossos dias, nos reúne no amor e na confiança que trazemos à Virgem Maria. Ela nos lembra nossa condição de servas e o mistério da Encarnação, centro do carisma vicentino. *“É uma oração, minhas Irmãs, que se faz para agradecer a Deus de ter vindo ao mundo e encarnado para nos salvar”<sup>8</sup>.*

Estejam certas de minha oração nas intenções de cada uma e de minha dedicada afeição,

Irmã Evelyne Franc  
Filha da Caridade

### Notas

<sup>1</sup> Prefácio da missa da Solenidade da Assunção.

<sup>2</sup> Cf. D.I.A., p. 18.

<sup>3</sup> Cf. D.I.A., p. 19-27.

<sup>4</sup> D.I.A., p. 8.

<sup>5</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 963- 975.

<sup>6</sup> Santa Luísa, Escritos espirituais, A. 25, p. 920.

<sup>7</sup> Porta Fidei, n. 15.

<sup>8</sup> São Vicente, Conferência de 6 de outubro de 1658, X, p. 821.

## **PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL**

### **“Um coração indiviso: silêncio, escuta e oração”**

O coração indiviso precisa de um lugar calmo e silencioso para olhar para si mesmo e estar atento às moções do Espírito. Na vida da pessoa consagrada tem que existir um espaço para o silêncio, a escuta e a meditação. Nossas Constituições nos lembram:

*“Para respeitar a intimidade de cada Irmã com Deus e permitir a todas uma indispensável retomada interior são necessários tempos de silêncio. Clima de Deus, aceito de comum acordo, o silêncio favorece encontros mais ricos no plano espiritual.” (C. 21c)*

Uma das figuras religiosas mais conhecidas da Igreja americana no último século foi um bispo católico: Dom Fulton J. Sheen. Quando eu era garoto, ele tinha um destes antigos shows na televisão. E quando Dom Sheen estava na televisão, todas as ruas ficavam vazias. Não eram apenas os católicos que o assistiam, pessoas de todas as tradições religiosas viam nele um orador interessante e convincente. Quando ele aparecia na televisão, lançava seu olhar penetrante sobre o espectador e raramente interrompia o contato. Enquanto falava com facilidade, tocava a sua cruz peitoral e, de maneira muito simples e quase informal, ele explicava alguma verdade da fé católica. Ele sabia como falar e fazia isso muito bem.

Quando eu estava no Seminário, seu secretário era um padre vicentino da minha Província e isso nos deu alguns privilégios. Uma vez, Dom Sheen foi convidado para falar na Capela da Universidade de Princeton. Os ingressos eram difíceis de conseguir, mas o Seminário conseguiu um certo número e eu fui um dos seminaristas sortudos, selecionado para participar da apresentação. Eu me lembro disso muito bem. A Capela da Universidade estava lotada, todos os participantes queriam escutar este orador emblemático.

Finalmente, ele aparece. Ele caminha até o púlpito elevado e fica lá de pé, durante um longo momento, sem nada dizer. Progressivamente, todo o burburinho de vozes e uma certa inquietação cessaram-se. Quando a sala foi tomada pelo silêncio, ele começou a falar. Estávamos todos prontos para escutá-lo, ninguém ousava se mover ou virar a cabeça. Foi algo excepcional, poucas pessoas são capazes de fazer isto. Quando ele começou a falar, todo mundo o escutava com atenção, pois os corações tinham sido preparados pelo silêncio.

Depois deste dia, não sei se escutei alguém com tanta intensidade. Por outro lado, eu nunca vivi esta experiência de ser escutado com tanta atenção. O que pode ser difícil escutar bem de verdade, e ainda assim esta é uma disciplina importante a ser cultivada. Para a nossa reflexão de hoje, sugiro que consideremos o coração indiviso e sua necessidade de crescimento no terreno do silêncio, alimentado através da escuta e da meditação.

## **I - OS SALMOS E O CONVITE PARA SE APROXIMAR DE DEUS EM SILÊNCIO**

Em algumas partes do mundo, talvez seja mais difícil encontrar o silêncio. Uma grande quantidade de ruídos de fundo pode se impor em nossa consciência e dificultar a nossa concentração. Contudo, é importante buscar o silêncio e encontrá-lo, particularmente, o silêncio interior que nos dispõe a escutar. Nossas mentes e nossos corações podem estar acelerados e distraídos em razão de nossas responsabilidades. Mas, precisamos encontrar um lugar silencioso para escutar o Senhor e aos outros. Podemos ouvir a convocação magistral do Salmo 45,11: *“Parai, disse ele, e reconhecei que sou Deus” (Sl 45,11).*

Esta ordem nos diz para parar todas as nossas atividades e reconhecer a presença do Senhor. Neste momento, estamos prontos para escutar. Ou podemos chamar nossa própria atenção através de um reflexivo autoexame do Salmo 130: *“Senhor, meu coração não se enche de orgulho, meu olhar não se levanta arrogante. Não procuro grandezas, nem coisas superiores a mim. Ao contrário, mantenho em calma e sossego a minha alma. Tal como uma criança no seio materno, assim está minha alma em mim mesmo. Israel, põe tua esperança no Senhor, agora e para sempre”.*

Com esta atitude, reconhecemos que pertencemos ao Senhor. Em sua presença, somos como uma criança que está sendo cuidada por sua mãe. Atentos à maneira como o Senhor nos revela seu Ser Divino, nós o escutamos com humildade. Muitos salmos encorajam a adotar esta atitude:

*“Só em Deus a minha alma repousa, é dele que me vem o que espero. Só ele é meu rochedo e minha salvação; minha fortaleza: jamais vacilarei. Só em Deus encontrarei glória e salvação. Ele é meu rochedo protetor, meu refúgio está nele. Ó povo, confia nele de uma vez por todas; expandi, em sua presença, os vossos corações. Nosso refúgio está em Deus” (Salmo 62, 6-9).*

A pessoa quando confia, não apenas escuta em silêncio e na expectativa, mas sente-se impelida a derramar o coração diante do Senhor.

O Senhor anseia ouvir o que temos para dizer-Lhe e Ele escuta com grande abertura e disponibilidade. O teólogo alemão Karl Rahner tem uma excelente definição do silêncio de Deus na oração:

*“Eu gostaria de falar-Te, agora, sobre a minha oração, ó Senhor. E embora, tão frequentemente, pareça que Tu dás pouca atenção ao que tento dizer-Te em minhas orações, por favor, escuta-me agora cuidadosamente.*

*Oh, Senhor Deus, não me admiro que minhas orações fiquem tão distantes de Ti – pois até eu mesmo, por muitas vezes, deixo de prestar a mínima atenção ao que estou rezando. Por muitas vezes, considero minha oração apenas como uma tarefa que eu tenho que fazer, um dever a ser cumprido. Eu a “tiro do caminho” e então, relaxo, feliz de já tê-la realizado. Quando estou rezando, estou cumprindo uma tarefa ao invés de estar contigo.*

*Sim, esta é a minha oração, eu admito. E, no entanto, meu Deus, acho difícil sentir-me triste por orar tão pobremente. Como pode um homem esperar falar contigo? Tu és tão distante e tão*

*misterioso. Quando eu rezo, é como se minhas palavras desaparecessem em algum poço profundo e escuro, de onde não soa qualquer eco que me garanta que elas atingiram o fundo do teu coração.*

*Senhor, rezar durante toda a minha vida, sem nunca escutar uma resposta, não é pedir muito? ... Tu sabes o quanto preciso que me respondas. E ainda assim, minhas palavras nunca recebem uma resposta... Por que és tão silencioso? Por que me mandas falar contigo, quando não prestas nenhuma atenção em mim? Seu silêncio não é um sinal claro de que não estás escutando?*

*Ou realmente escutas com muita atenção, talvez estejas escutando durante toda a minha vida até eu contar tudo, até eu falar de todo o meu ser? Permaneces tão silencioso precisamente porque estás esperando que eu tenha realmente terminado para que possas, então, falar a Tua palavra para mim, a palavra da Tua eternidade? Estás silencioso para que possas, um dia, concluir o monólogo da vida inteira de um pobre ser humano, sobrecarregado pela escuridão deste mundo, pronunciando, então, a luminosa palavra de vida eterna, na qual revelarás tua verdadeira identidade nas profundezas do meu coração? (Karl Rahner, O Deus da minha Oração, Apelos ao Deus do silêncio, homilias e meditações, coleção referências teológicas, Salvator, 2005, págs. 33-35).*

É maravilhoso pensar que Deus está em silêncio, escutando atentamente e esperando o fim da nossa oração. Já nos aconteceu alguma vez de pensar que Deus está escutando a nossa oração, mas escutando realmente, com seus ouvidos bem atentos? Essa intensa atenção ao que temos para dizer, pode literalmente, nos impulsionar a falar ainda mais. Pode nos deixar mais atentos sobre o que queremos dizer ao nosso Deus e como queremos dizê-lo. Não devemos buscar nos expressar de maneira inteligente, pois, ele conhece o nosso coração. Deus nos escuta, falemos com Ele com absoluta simplicidade e liberdade, tendo consciência de nossa fraqueza. Esta qualidade de escuta permite que aquele que fala confie no bom julgamento e na compaixão daquele que escuta. Ver Deus desta maneira pode tornar a nossa oração mais fácil emergindo das profundezas do nosso coração indiviso.

## **II - ELIAS E O ENCONTRO COM O DEUS DO SILÊNCIO**

Para conversar com Deus, Elias dirige-se até o Monte Horeb. Vamos ler novamente esta passagem, bastante interessante e intuitiva:

*“Chegando ali, passou a noite numa caverna. Então a palavra do SENHOR foi-lhe dirigida: Que fazes aqui, Elias? Ele respondeu: Estou devorado de zelo pelo SENHOR, o Deus dos exércitos. Porque os israelitas abandonaram a vossa aliança, derrubaram os vossos altares e passaram os vossos profetas ao fio da espada. Só eu fiquei, e querem tirar-me a vida. O SENHOR, disse-lhe: Sai e conserva-te em cima do monte na presença do SENHOR,; ele vai passar. Nesse momento passou diante do SENHOR, um vento impetuoso e violento, que fendia as montanhas e quebrava os rochedos; mas o SENHOR, não estava naquele vento. Depois do vento, a terra tremeu; mas o SENHOR, não estava no tremor de terra. Passado o tremor de terra, acendeu-se um fogo; mas o SENHOR, não estava no fogo. Depois do fogo ouviu-se o murmúrio de uma brisa leve. Tendo Elias ouvido isso, cobriu o rosto com o manto, saiu e pôs-se à entrada da caverna. Uma voz disse-lhe: Que fazes aqui, Elias? Ele respondeu: Consumo-me de zelo pelo SENHOR,, Deus dos exércitos.*

*Porque os israelitas abandonaram a vossa aliança, derrubaram os vossos altares e passaram os vossos profetas ao fio da espada. Só eu fiquei, e agora querem tirar-me a vida. (1Rs 19, 9-14)*

A experiência de Elias até este momento não foi agradável. Ele busca entrar na presença de Deus e espera que essa presença se manifeste de maneira poderosa como Deus se revelou no passado ao povo de Israel. Elias quer que o Senhor manifeste sua presença poderosa.

Na experiência no topo do Monte Horeb, Elias descobre que Deus não está presente nem no vento impetuoso, nem no terremoto e nem no fogo – maneiras explosivas através das quais Deus demonstrou, anteriormente, a presença divina na história de Israel. Aqui, Deus está presente no “*murmúrio de uma brisa leve*”, na calma. Elias aprende a escutar a Deus desta maneira. É nesta presença silenciosa e pronta para escutar que Elias começa o seu clamor. Ele esconde seu rosto em seu manto ao aproximar-se de Deus que o escuta e faz a mesma pergunta antes e depois da revelação: “*Que fazes aqui, Elias?*” A comunicação com Deus começa com esta pergunta que é importante e que deve ser respondida pelo profeta. Deus não apenas ordena e exige; Ele quer que o profeta derrame sua alma em sua presença pronta para escutá-lo. Ele quer que o profeta diga o que está em seu coração. Deus não o interromperá, ao contrário, vai cercá-lo de silêncio profundo.

Falando com simplicidade e paixão, aquele que reza ao Deus que escuta, alivia seu coração e conhece a vontade de Deus. E esta pessoa é enviada à ação.

A mesma experiência de encontrar o Senhor e ser convidado a escutar também acontece no Evangelho da Transfiguração que acontece no alto de uma montanha e que também inclui a presença de Elias. Mais uma vez, Deus se revela no reflexo divino da glória de Jesus. A antiga maneira de como Deus revelava a sua divina presença na Lei e nos Profetas se faz evidente nas pessoas de Moisés e Elias. Porém, uma voz vinda dos céus revela a presença de Deus em Jesus: “*Este é o meu filho muito amado, ouvi-o*” (Mc 9,7) e, a comunidade deve escutá-Lo. Novamente, os discípulos não podem ficar na montanha, mas devem seguir em frente com Jesus para proclamar o Evangelho através desta escuta que conduz à ação.

Na conclusão da parábola de Lázaro e do homem rico, quando o homem rico pede para que Lázaro seja enviado aos seus irmãos para avisá-los sobre como devem conduzir suas vidas na fidelidade, Abraão responde simplesmente: “*Eles têm Moisés e os profetas; ouçam-nos!*” (Lc 16,29). O que precisamos, não é adquirir novos ensinamentos, mas prestar atenção aos já recebidos para compreendê-los e vivê-los.

O *Documento Interassembleias* conduz a uma tomada de consciência da necessidade de viver o silêncio e do valor que ele traz para a vida da pessoa. Aspiramos ardentemente: “*Revalorizar o silêncio que permite a escuta de Deus e a escuta dos outros*” (DIA, 19). Quando há muito barulho o nosso coração se dispersa para todas as direções, ao mesmo tempo que anseia pelo silêncio para escutar, criar e ser recriado. A Liturgia é um lugar particularmente poderoso para estes eventos acontecerem.



### III - A LITURGIA E O SILÊNCIO

Os documentos do Concílio Vaticano II enfatizam a importância do silêncio na liturgia, e este tema é desenvolvido na *Instrução Geral do Missal Romano*.

*“Também se deve guardar, nos momentos próprios, o silêncio sagrado, como parte da celebração. A natureza deste silêncio depende do momento em que ele é observado no decurso da celebração. Assim, no ato penitencial e a seguir ao convite à oração, o silêncio destina-se ao recolhimento interior; a seguir às leituras ou à homilia, é para uma breve meditação sobre o que se ouviu; depois da Comunhão, favorece a oração interior de louvor e ação de graças. Antes da própria celebração é louvável observar o silêncio na igreja, na sacristia e nos lugares que lhes ficam mais próximos, para que todos se preparem para celebrar devota e dignamente os ritos sagrados.” (§ 45 da Instrução Geral do Missal Romano, 3ª edição, 2002)*

Notem que há quatro características e maneiras diferentes de observar o silêncio em nossa celebração da Eucaristia:

a) Antes da celebração: tempo de recolhimento para colocar-se na presença de Deus e se concentrar no que será vivenciado.

b) Antes do Ato Penitencial: tempo de recolhimento para reconhecer humildemente nosso pecado e pedir perdão antes de se unir a oração comunitária expressa pelo celebrante.

c) Após as leituras e a homilia: tempo de recolhimento para meditar a Palavra de Deus e a homilia que nos é destinada.

d) Após a comunhão, tempo de adoração e de ação de graças para louvar a Deus pelo dom que Ele nos concedeu.

O Papa Bento XVI escreveu algumas palavras encorajadoras sobre a importância de manter e observar um silêncio apropriado em nossas Celebrações Eucarísticas:

*“Percebemos cada vez mais claramente que o silêncio é parte da liturgia. Respondemos, cantando e rezando, ao Deus que se dirige a nós, mas o mistério maior, ultrapassa todas as palavras, nos convoca ao silêncio. Ele deve ser, claro, um silêncio com conteúdo, e não apenas a ausência de palavras e ação. Deve-se esperar que a liturgia nos dê uma tranquilidade positiva que irá nos restaurar.” (Cardeal Joseph Ratzinger. O Espírito da Liturgia, pág. 209).*

É no silêncio que se pode mais eficazmente escutar o Verbo de Deus. No documento *Verbum Domini*, o Papa convida a Igreja a seguir o exemplo de Maria:

*“...só nele (no silêncio) é que a Palavra pode encontrar morada em nós, como aconteceu em Maria, mulher indivisivelmente da Palavra e do silêncio. As nossas liturgias devem facilitar esta escuta autêntica: Verbo crescente, verba deficiunt” (Verbum Domini, § 66).*

Esta expressão latina: “*Verbo crescente, verba deficiunt*” pode ser traduzida, aproximadamente, assim: “*Quando o Verbo de Deus aparece, as palavras do homem faltam*”. Nada substitui a escuta da Palavra de Deus e nada O impede de florescer em nós. Isso só acontece através do dom do silêncio e da escuta de um coração indiviso. Dietrich Bonhoeffer nos oferece uma maravilhosa reflexão sobre esta verdade:

*“O silêncio do templo é o sinal da Santa Presença de Deus em sua Palavra. (...) Silenciamos antes de ouvir a Palavra porque os pensamentos já estão voltados para ela, como uma criança que faz silêncio no momento no quarto de seu pai. Silenciamos depois de ouvir a Palavra de Deus, porque ela ecoa, vive e quer fazer morada em nós. Silenciamos ao nos levantarmos pela manhã e antes de nos recolhermos à noite, porque é a Deus que pertence a primeira e a última palavra do dia..”*

*“Silenciar nada mais é do que estar à espera da Palavra de Deus e poder partir com sua bênção. Cada pessoa sabe por si que é preciso aprender a silenciar numa época em que prevalece o palavrório, e constatar que somente o ato espiritual do silêncio pode conduzir a um resultado positivo. O silêncio observado antes de escutar a Palavra de Deus, exercerá seu efeito durante todo o dia. Ele nos ensina a frear a língua (Dietrich Bonhoeffer, *Vida em Comunhão*, Labor et Fides, p. 78-79).*

#### **IV - SILÊNCIO E MEDITAÇÃO**

Uma das bênçãos que pode vir do silêncio é o dom da meditação. Isso acontece em todas as nossas tentativas de pensar sobre o que estamos fazendo. Paulo nos dá alguns conselhos para as nossas meditações:

*“Além disso, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, tudo o que é virtuoso e louvável, eis o que deve ocupar os vossos pensamentos” (Fl 4,8)*

Paulo apresenta sete categorias que mostram a necessidade do cristão de levar uma vida de oração. Para compreender, devemos refletir sobre o que é verdadeiro, o que é nobre, fazer o que é justo e assim por diante. O convite é para sermos pessoas que pensam sobre nossas vidas e nossa maneira de viver.

Vicente e Luísa eram excelentes praticantes do silêncio e da oração, eles nos ensinaram a fazer o mesmo. Todas as conferências de Vicente estão centradas na importância de aprofundar a reflexão sobre nossas vidas e Luísa é também maravilhosa na maneira como expressa criativamente algumas ideias.

*“Não duvido, querida Irmã, que os sentimentos que Deus vos deu, e à querida Irmã Laurence, sejam seguidos de boas e firmes resoluções para o futuro e que servirão para fazer de vós grandes santas, auxiliadas pela graça de Deus.” (E.Espirituais C. 529. p. 572)*

*“Senhor Padre, meu coração ainda repleto de júbilo pela compreensão que, me parece lhe deu nosso bom Deus, destas palavras: ‘Deus é meu Deus!’ e pelo sentimento que experimentei da glória que todos os bem-aventurados lhe tributam, como consequência desta verdade.”* (E.Espirituais, C. 348, p. 387).

E ela aconselha:

*“Tratai, com toda simplicidade e familiaridade inocente, com Nosso Senhor, em vossas orações.”* (E.Espirituais, C. 723, p. 765)

A confiança de Vicente no poder da oração e da meditação brota, eloquentemente, ao exortar seus companheiros a serem pessoas de oração.

*“Demo-nos todos a esta prática da oração, pois é por ela que nos vêm todos os bens. Se perseveramos na vocação, é graças à oração; se vamos bem em nossos trabalhos, é graças à oração; se não caímos no pecado, é graças à oração; se perseveramos na caridade, se nos salvamos, tudo isso é graças a Deus e à oração. Como Deus não recusa nada a quem reza, assim também não concede quase nada sem oração: Rogate Dominum messis [Pedi ao Senhor da messe]; não, nada; nem mesmo a expansão do seu Evangelho e o que mais interessa à sua glória. Rogate Dominum messis... [Mas Senhor, isso vos diz respeito e vos pertence.] Não importa! Rogate Dominum messis. Peçamos, então, humildemente a Deus ajudar-nos a adotar esta prática. (Coste XI, Conferência 168, pp. 407-408).*

É difícil imaginá-lo falando mais claramente. Oração e meditação são os meios que usamos para permanecer em contato com o Senhor e através dos quais Deus responde às nossas necessidades. É pela meditação silenciosa, que conduz à oração, que chegamos a conhecer a nós mesmos, nossa missão e nosso apostolado.

## CONCLUSÃO

No silêncio, o coração indiviso floresce. *Vita Consecrata* expressa fortemente essa verdade:

*“A vocação à santidade só pode ser acolhida e cultivada no silêncio da adoração na presença da transcendência infinita de Deus: ‘Devemos confessar que todos precisamos deste silêncio repleto de presença adoradora: a teologia, para poder valorizar plenamente a própria alma sapiencial e espiritual; a oração, para que nunca esqueça que ver Deus significa descer do monte com um rosto tão radiante ao ponto de sermos obrigados a cobri-lo com um véu (cf. Ex 34,33) [...]; o compromisso, para renunciar a fechar-se numa luta sem amor e perdão. [...] Todos, crentes e não crentes, precisam aprender um silêncio que permita ao Outro falar, quando e como quiser, e a nós compreender esta palavra’. Isto exige, concretamente, uma grande fidelidade à oração litúrgica e pessoal, aos tempos dedicados à oração mental e à contemplação, à adoração eucarística, às coleções mensais e aos retiros espirituais”* (VC, n. 38)

Para concluir, escutemos o profeta Isaías para sermos pessoas que deixam o silêncio e a esperança dirigir nosso coração indiviso e oferecer um espaço para irmos a Deus e que Deus venha até nós:

*“porque aqui está o que disse o Senhor Deus, o Santo de Israel : é na conversão e na calma que está a vossa salvação; é no repouso e na confiança que reside a vossa força”*(Is 30, 15)

Padre Patrick GRIFFIN  
Diretor geral

## **O MAGNIFICAT**

### **Com Maria, cantar o Magnificat**

#### **INTRODUÇÃO**

*“O Magnificat é um poema da Santa Escritura que canta a vida e a ação. É um cântico, é uma oração, é adoração, é júbilo e entusiasmo, é ação de graça, é um canto de vitória, a de Deus em Jesus Cristo, Grito de fé, cheio de teologia, é uma meditação inesgotável, uma oração... É primeiro pela fé e pela oração que o descobrimos. Mas, também com a ajuda de todos os recursos da exegese e da teologia: pois requer o esforço de nossa inteligência e humilde escuta da Palavra de Deus que nele está expresso. Somente, esforçando-se de tomá-lo para si, ao longo da vida, é que se consegue sondar os abismos...Não se trata somente de estudar o Magnificat, trata-se de assumi-lo, de vivê-lo, e por sua vez recriá-lo”*<sup>1</sup>

Os Bispos da América Latina, reunidos em Puebla disseram: *“O Magnificat é espelho da alma de Maria. Neste poema conquista o seu cume a espiritualidade dos pobres de Javé e o profetismo da Antiga Aliança. É o cântico que anuncia o novo Evangelho de Cristo. É o prelúdio do Sermão da Montanha. Aí, Maria se nos manifesta vazia de si própria, depositando toda sua confiança na misericórdia do Pai”*<sup>2</sup>.

#### **I – O CONTEXTO DO MAGNIFICAT<sup>3</sup>**

Só podemos descobrir a plenitude do sentido do Cântico de Maria relacionando-o a outros textos da Sagrada Escritura. No Evangelho de Lucas, é após a Anunciação, durante a visita à Isabel que Maria Canta o Magnificat.

##### ***“Naqueles dias”.***

Esta expressão nos remete à palavra do anjo e refere-se ao “sexto mês” (Lc 1, 26), indicação retomada no versículo 56: *“Maria ficou com Isabel cerca de três meses”*, isto é até o fim da gravidez de Isabel. Alguns dias antes da Visitação, Maria tinha sido chamada para ser a Mãe do Salvador e, sem dúvida, ela provou a alegria de colaborar com a ação de Deus. E ela responde com alegria: *“Faça-se em mim segundo a tua vontade”*. No final do relato da Anunciação, o anjo lhe dá

um sinal: “*também Isabel, tua parenta, concebeu um filho em sua velhice, e já está no sexto mês aquela que é tida por estéril*”. Pelo anjo, Maria toma conhecimento deste nascimento milagroso.

#### A PERPLEXIDADE DE MARIA

No entanto, não é difícil imaginar que no dia seguinte, encontrando-se sozinha, ela sente um certo temor: o anúncio do anjo era para ela um segredo muito pesado para carregar e viver, pois ela não pode falar com ninguém sobre esta intervenção divina. Acontecimentos também incríveis e extraordinários deixam na solidão aqueles que os vivem. Tal é a perplexidade de Maria. Podemos mesmo imaginar que, como Jesus no deserto, Maria foi tentada pelo demônio, esforçando-se em persuadi-la que tudo isto era ilusão.

Depois, o texto diz: “*Maria se levantou e foi às pressas às montanhas, a uma cidade de Judá*”.

Portanto, algo obriga Maria a se apressar, Maria experimenta sem dúvida a necessidade de encontrar a confirmação daquilo que foi dito, persuadida que, somente, Isabel era capaz de crê em um tal acontecimento, pois ela vivia uma experiência semelhante.

#### A CARIDADE DE MARIA

Normalmente, explica-se **a pressa** de Maria relacionando-a a sua **caridade**, e está certo. Ela é movida pelo desejo de servir, de ajudar a sua prima idosa. O Espírito Santo a impele imediatamente sobre o caminho : impulsionada pelo elã de uma vida nova que nela habita, Maria deve levar a vida de Deus. O evangelista apresenta Maria como uma pessoa amorosa e firme que não se contenta com belos sentimentos, como um modelo de caridade e de serviço. Sim, a salvação se desabrocha nas relações humanas.

Assim, Maria pode ao mesmo tempo aceitar e oferecer ajuda, esperar ser compreendida e compreender a necessidade do outro. Assim, descobrimos dois aspectos indispensáveis para estabelecer a reciprocidade necessária a uma verdadeira relação humana.

*“Maria se levantou e foi às pressas às montanhas, a uma cidade de Judá”*

O nome desta cidade não foi mencionado, mas estando próximo da montanha, sem dúvida, trata-se de Ain Karim, vizinha de Jerusalém. As palavras do evangelista são simples, mas a decisão de se colocar a caminho, sem dúvida, não foi fácil. Nesta época, era perigoso para uma mulher fazer uma viagem sozinha durante três ou quatro dias através das montanhas. Mas, o Espírito lhe deu a liberdade e a força para sair de si mesma e seguir em direção ao local onde sentia-se chamada. Ao longo do percurso, Maria deve ter refletido sobre esta surpreendente novidade e buscado algumas palavra que depois vai dizer a Isabel.

*Pode-se observar que, no Evangelho de Lucas, a caminhada é importante. Jesus é o “viajante” divino que caminha, diariamente, conosco. Para realmente encontrar o outro, devemos*

*muitas vezes transpor as “montanhas” dos inúmeros bloqueios e considerações interiores que se opõem a este encontro com o outro. Ou ainda, são “montanhas” de preconceitos que se erguem entre nós e nos impedem de viver um autêntico encontro. Para chegar realmente no outro, precisa-se sempre ultrapassar “montanhas”.*

### ***“Maria entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel”***

Podemos compreender a emoção de Maria quando bate à porta de Isabel. Ela saúda com respeito sua prima que está muito sensibilizada. Levando Jesus em seu seio, esta presença de Deus dá sua devida importância à saudação: é o *“Deu de Israel que visita e liberta seu povo”* (Lc 1, 68).

A graça, da qual Maria está plena, lhe permite entrar em relação com muito amor, delicadeza e sutileza.

### ***“Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu seio; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo”***

Lucas descreve a explosão de alegria de Isabel quando ela escuta a saudação de Maria, que traz consigo Jesus. Alegria que provoca um estremeção em João Batista no seio de sua mãe, que ficou cheia do Espírito Santo. Assim, o Espírito que deveria preencher João Batista (Lucas 1,15) lhe é concedido graças à aproximação de Maria. Para o evangelista, através de Maria, Deus torna sua presença visível e palpável, é Ele que fala quando Maria saúda Isabel.

Naquele momento, Isabel começa a dizer palavras que jamais havia pronunciado: ***“Bendita és tu entre todas as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre”***.

Assim que ela abençoa Maria, Isabel acolhe *“a mãe do meu Senhor”*. É surpreendente constatar o grau de compreensão atingido por Isabel, a partir da saudação de Maria. *“Cheia de graça”*, Maria é para Isabel um sinal da presença de Deus, um sinal do que Ele fez nela e através dela. Isabel percebe o mistério, o segredo de Maria: Deus está presente em Maria, ela o carrega e o leva.

As duas mulheres tornam-se uma bênção uma para a outra: primeiro de Maria para Isabel, depois de Isabel para Maria. Elas se entendem e confiam uma na outra. Tudo o que Maria tinha guardado em seu coração se desprende e se manifesta. Compreendida e confirmada, o que aconteceu com ela é real e verdadeiro. Para nós, como para Maria, a graça de poder abrir-se e confiar é importante.

### ***“Bem-aventurada aquela que acreditou !”***

Isabel compreende que a maternidade de Maria é obra de Deus: *“Bem-aventurada aquela que acreditou na salvação de Deus!”* Deus precisou da fé de Maria para realizar nela o que Ele havia prometido: ela é o protótipo da fé, da confiança em Deus.

*“Bem-aventurada aquela que acreditou”*. Os louvores de Isabel chama a atenção sobre Maria e agora, é a Ela que a palavra é dada para interpretar o que lhe acontece... Então, Maria

expressa abertamente o que tinha guardado no mais profundo do seu ser: este mistério maravilhoso que Ela carrega dentro de si. Seu cântico é inteiramente centrado sobre o mistério da Encarnação.

## II – A ESTRUTURA DO MAGNIFICAT

### Introdução

A estrutura mais evidente do Cântico é sua divisão em duas grandes partes:

- Na primeira parte (v. 46-50), é a **história de Maria**, seu cântico de louvor e agradecimento.

- Na segunda parte (v. 51-55), o louvor de Maria se expande à **história da Salvação**. O versículo 51 “*Manifestou o poder do seu braço*” está no centro do que Deus realizou em Maria e do que Ela realizou em toda a história da humanidade.

### 1) A HISTÓRIA DE MARIA, UMA EXALTAÇÃO, UMA EXULTAÇÃO (v. 46-50)

O Magnificat expressa o júbilo de Maria, sua exultação, seu olhar de fé sobre o acontecimento prodigioso que se realizou nela durante a Anunciação.

Filiação literária do Magnificat com relação ao Cântico de Ana

Alimentada da Palavra de Deus do Antigo Testamento, Maria retoma as primeiras palavras do Cântico de Ana, para cantar sua alegria a Deus: “*Exulta o meu coração no Senhor, e por causa do que Ele fez, ando de cabeça erguida, a minha boca desafia os meus rivais, porque me alegro na vossa salvação*” (1Sm 2, 1). Ana cantava sua milagrosa cura da esterilidade que lhe tinha feito sofrer tanto. É provável que Maria não tenha se lembrado do milagre realizado em Ana, esta mulher conhecida na memória do seu povo, e tenha retomado algumas de suas palavras para expressar seu próprio júbilo. No entanto, encontramos uma grande diferença de tom na expressão dos sentimentos mais íntimos. Ana, humilhada por sua esterilidade, de agora em diante “estará de cabeça erguida”. Graças a sua cura, ela pode fazer parar as intrigas através de uma atitude altiva diante de seus “inimigos”. Maria, pelo contrário, se olha como a humilde serva do Senhor e não considera ninguém como seu inimigo. Com ela, estamos em um outro nível de profundidade: o da espiritualidade das Bem-aventuranças.

***“Minha alma engrandece ... meu espírito exulta”...***

Este versículo expressado na primeira pessoa, permite contemplar o júbilo desta pessoa de fé, por excelência, que foi a Virgem Maria. Que alegria e ao mesmo tempo que densidade no júbilo de Maria. É a alegria absolutamente extraordinária da jovem Mãe do Messias que se expressa no reconhecimento e no louvor a Deus. Sua alegria vem de Deus, é Nele que ela encontra sua felicidade essencial. Por isso, imediatamente após as duas ações de júbilo de Maria, descritos no

início (exaltar e exultar) ela se esquece de si para referir-se somente a Deus. Ela não vai de maneira nenhuma pensar em tirar proveito de um tal privilégio e vai redobrar a alegria confiante em Deus. Maria “exulta” de alegria, ela estremece e dança de alegria. A mesma palavra é utilizada para a criança que começa a saltar no seio de Isabel (Lc 1, 44).

Para compreender bem o conteúdo desta expressão do verbo “exultar”, ou seja “estremecer de alegria”, devemos nos lembrar de dois textos evangélicos:

#### O CÂNTICO DE JÚBILO DE JESUS

*“Naquela mesma hora, Jesus exultou de alegria no Espírito Santo e disse: Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondestes estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos”*(Lc 10, 21).

O louvor de Maria encontra um paralelo na exultação de Jesus, sua ação de graças ao Pai por ter escondido estas coisas aos sábios e tê-las revelado aos pequeninos, em primeiro lugar, sua Mãe. Em seu Cântico de júbilo, Jesus destaca uma oposição entre os sábios e os humildes ; na segunda parte do Cântico de Maria, encontram-se as mesmas oposições: os poderosos e os humildes, os ricos e os famintos.

AS BEM-AVENTURANÇAS, sobretudo, na versão de São Lucas, podem ter sido colocadas em paralelo com o Magnificat: *“bem-aventurados vós que sois pobres...vós que agora tendes fome.... Vós que agora chorais...mas, ai de vós, ricos...de vós que estais fartos... que agora rides...”* (Lc 6, 20-26).-26).

No Magnificat compreendemos o que Maria pensa sobre Deus e como ela antecipa o espírito das Bem-aventuranças.

#### ***“Minha alma engrandece o Senhor, exulta meu espírito em Deus meu Salvador”***

Maria canta seu Deus e O define com estes três termos: “*Senhor*”, “*Deus*” e “*meu Salvador*”.

“*SENHOR*” quer dizer O Senhor, Aquele do qual ela é a serva.

“*DEUS*” quer dizer o Deus da história. Maria fala aqui como membro do povo eleito, sua maternidade é parte do grande desígnio de salvação de Deus por seu povo.

“*MEU SALVADOR*” quer dizer, o Salvador do povo, mas também o meu Salvador. O “meu” permite entrar na convicção de fé de Maria que tudo é graça, o que nela se realizou é ação de Deus. O adjetivo possessivo não implica nenhuma intenção de posse mas, exprime sua experiência pessoal da Salvação.

#### ***“Porque olhou para a humildade de sua serva”***



Após os dois primeiros verbos: “*exaltar*” e “*exultar*” que se referem a Maria como sujeito, os outros verbos utilizados têm Deus como o sujeito: “*Olhou para... Ele fez em mim maravilhas...*”. Em seu cântico, Maria retoma o Fiat da Anunciação: “*Eis aqui a serva do Senhor*” e expressa uma dupla experiência de Salvação:

- *Deus, o Todo poderoso olhou para a sua humildade* para fazer dela, inesperadamente, a *mãe do Messias*. Maria não se vangloria, ela sabe que sua grandeza vem de Deus, que a olhou com amor.

- *Deus a salvou ao lhe dar a paz do coração, a alegria, a honra*, enquanto que o anúncio do anjo a tinha feito passar por sofrimentos interiores: medo de ser humilhada, caluniada e rejeitada. Não somente Maria não será mais exposta à vergonha, ao repúdio de José, mas muito mais: “*todas as gerações me chamarão de bem-aventurada*”.

**“*Sim, de agora em diante, todas as gerações me proclamam bem-aventurada*” (v. 48)**

Depois de Isabel, Maria profetisa sua glória futura. Ela está convencida que a fé no mistério da Encarnação provocará nos que crêem a mais profunda gratidão ao amor de Deus pela humanidade. Maria não atribui a si nenhum mérito, nenhuma glória, pois isto seria contrário à sua humildade que deve ser o reflexo da glória do Senhor.

**“*O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas: Santo é o seu nome. Seu amor para sempre se estende sobre aqueles que O temem.*” (v. 49-50)**

Estes dois versículos revelam a capacidade de Maria de ler em sua própria experiência verdadeiras razões do louvor a Deus. Através dos dois acontecimentos, a Anunciação e a Visitação, Maria vê o desígnio universal de Deus e dá graças ao Todo-Poderoso, cuja misericórdia se estende de geração em geração. Maria expressa sua fé no Deus Todo-Poderoso que fez por ela “maravilhas”. É no mistério da Encarnação que a Onipotência divina resplandece. A fé na Onipotência de Deus não suprime a liberdade de sua criatura: Maria diz sim a Deus, mas ela atribui o poder somente ao Deus único.

## **2) A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO (v. 51-55)**

Após sua exultação, aqui estão os versículos mais surpreendentes da parte da humilde serva do Senhor. Além de sua própria vida, o olhar de Maria se expande sobre a ação de Deus na história. Ela celebra as escolhas surpreendentes de Deus: o Deus que nela agiu é também o Deus que realizou grandes coisas na história e que confundiu as normas deste mundo, colocando-se ao lado dos mais fracos.

Esta segunda está dividida, por sua vez, em dois momentos:

- Os versículos de 51 a 53 referem-se à história da Salvação entendida como uma inversão das situações: inversão que coloca “em baixo” o que está “no alto”.

- Os versículos 54 e 55 lembram a realização da promessa e sua revelação.

## A INVERSÃO DE SITUAÇÕES

*“Manifestou o poder do seu braço e dispersou os soberbos; derrubou dos tronos os poderosos e elevou os humildes, saciou de bens os famintos e aos ricos despediu de mãos vazias”.*  
(v. 51-53)

Através dos séculos, estes versículos ressoaram como um canto de vitória : a dos pobres sobre os ricos e líderes que os oprimem e os exploram. O Magnificat inaugura uma nova ordem para a humanidade. Maria celebra a ação de Deus na história e resume a expectativa e o desejo dos pobres ao longo das gerações.

Como aconteceu a inversão na Bíblia ? *“Manifestou o poder de seu braço”* (v. 51). Este versículo lembra a ação poderosa da Salvação de Deus, que liberta seu povo durante a fuga do Egito, particularmente, sobre o Mar Vermelho, quando o braço de Deus demonstra sua força. *“Ele dispersa os soberbos”*. Dispersar é o contrário de reunir, isto lembra a imagem de Babel: os orgulhosos queriam construir uma torre que alcançasse o céu para se glorificar a si mesmos. Deus *“confundiu a língua deles, para que um não entendesse a língua do outro, e dispersou-os”*.

As palavras surpreendentes de Maria indicam que a ação de Deus é contrária a do homem: enquanto o homem aspira o prestígio, o poder e a riqueza, Deus ama o humilde e o pobre. A Bíblia, diz que os caminhos de Deus não são os dos homens. O povo de Israel o confirma através de sua história: pequeno e pobre, Israel foi oprimido pelos grandes imperadores Assírios ou Babilônicos.

Maria expressa a experiência teológica que vive. Deus se revela o Deus dos pobres, escolhendo-a como mãe de seu Filho: uma jovem pobre, originária de uma vila insignificante, sem ascendência nobre, nem qualidades particulares.

Considerando os costumes judeus, após a Anunciação, Maria tinha medo **de ser** humilhada e rejeitada por sua família e por seu povo que ignorava a origem misteriosa de sua concepção. Sua situação se inverteu com as palavras de Isabel, colocando-a no primeiro lugar da história: *“Doravante, todas as gerações me proclamarão bem-aventurada”*.

Este mistério começa a se revelar : mistério da **Encarnação do Filho de Deus**: *“Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único”* (Jo 3, 16). Este é o mistério que é celebrado no Magnificat.

No Evangelho, Deus oferece à humanidade uma vida nova manifestada em Jesus: *“O Filho do homem veio buscar e salvar quem estava perdido”*(Lc 19, 10). Para todo homem, Ele é o companheiro de caminhada, o Perdão, o Dom perfeito, Ele continua confundindo as normas humanas.

O primeiro exemplo de inversão e de oposição encontra-se no **relato do nascimento de Jesus**. Este acontece sobre um contraste deliberado com relação às pretensões do imperador romano, que reivindicava um império universal, e a humildade de Deus que se faz uma criança. Por este “*recém-nascido enrolado em panos*” e deitado numa manjedoura de animais, Deus desceu até o mais baixo, partilhou a condição dos mais pobres. Ao mesmo tempo, Ele é comemorado pelos anjos: “*Glória a Deus no mais alto dos céus*”. Na humildade deste nascimento humano, Deus se entrega.

**Durante o seu batismo, quando** Jesus mergulha nas águas do rio Jordão, ele se submete ao Batista e se faz solidário aos pecadores, a voz do Pai o exalta como Filho de Deus.

**No início do seu ministério público,** na sinagoga de Nazaré, convidado a ler o profeta Isaías, Jesus escolhe a passagem que diz que o Espírito o envia para anunciar a Boa Nova aos pobres. (Lc 4, 16-22). Este texto esclarece toda a sua missão. Ele se apresenta como o Messias, o Salvador anunciado pelo profeta Isaías.

**Ao longo de todo o Evangelho,** Jesus continua confundindo as normas humanas através de suas ações e gestos. Ele se volta especialmente para os pobres, os humildes, os pecadores: Ele os reergue, restaurava-lhes a dignidade, os faz conhecer o valor que têm diante de Deus: Zacarias, Barnabé, a viúva de Naim, a Samaritana, a pecadora... Estes exemplos permitiam compreender a inversão expressa no Magnificat: Deus se importa com os pequenos, com os pobres, com os famintos... Ele os reergue, restaura-lhes a dignidade, mas deixa de lado aqueles que se sentem importantes, os poderosos e os ricos. As palavras do Magnificat nos ajudam a compreender as inversões que são relatadas nestes textos do Evangelho

**As parábolas de Jesus** apresentam a mesma dinâmica: a parábola do pobre Lázaro (Lc 16, 39-41) ou do rico agricultor (Lc 12, 15-21) denunciam a riqueza egoísta; a parábola do fariseu e do publicano (Lc 18, 9-14) desaprova o orgulho; a parábola dos convidados para a festa de casamento aconselha àquele que busca o primeiro lugar para se colocar em último, para ter a honra de ser chamado para o primeiro lugar.

Os contemporâneos de Jesus não reconheceram Jesus como Messias, nem sua missão, que inverteu a ordem estabelecida na sociedade de seu tempo. Esta incompreensão o levou a morte.

**A Cruz** é o grande sinal de contradição (Lc 2, 34-35): “*Tendo amado os seus, amou-os até o fim*”. A lei da elevação dos humildes e do rebaixamento dos soberbos assume sua plena clareza na crucificação de Jesus, sua morte e sua ressurreição. Em sua própria carne, Jesus vive o misterioso rebaixamento pela mão dos poderosos e a elevação pela mão de Deus: momento culminante da revelação da ação de Deus

A inversão operada por Deus encontra sua realização na pessoa e na vida do Cristo. Maria viveu esta inversão que expressa e antecipa o Evangelho, que inverte as normas humanas e valoriza as de Deus: humildade, obediência... Sua mensagem é a mesma de Jesus.. O Magnificat é o cântico das bem-aventuranças.

## A REALIZAÇÃO DA PROMESSA E SUA MANIFESTAÇÃO

*“Acolheu Israel, seu servo, fiel ao seu amor, como havia prometido a nossos pais, em favor de Abraão e de seus filhos para sempre”. (v. 54-55)*

Estes últimos versículos mostram o que Maria pensa sobre o mistério deste Filho que ela traz em seu seio, como a prova de amor de Deus por seu Povo, como a realização das promessas feitas à Abraão que vai se repercutir sobre a humanidade e a Igreja.

Membro de um Povo, Maria pensa como ele e se define em relação a ele. Maria se compreende em referência a história de Israel, particularmente a fé de Abraão e sua disponibilidade à Vontade de Deus. Sua resposta ao anjo: *“Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim, segundo a sua Palavra”* (Lc 1, 38) lembra a atitude de Abraão e a de muitos outros homens e mulheres ao longo dos séculos. *“Assim como o Patriarca é considerado como “nosso pai”, assim, Maria, com maior razão, deve ser considerada como “nossa mãe” na fé. Ela é a descendente de Abraão e herdeira privilegiada de sua fé, que obtém o fruto da promessa”*<sup>4</sup>.

Como Abraão (Gn 18, 3), Maria se beneficia de uma excepcional graça divina (Lc 1, 30). Como Ele (Gn 12, 3; 18, 18), Maria é fonte de graça para todas as nações e goza do louvor universal (Lc 1, 42-48). Ainda como Ele (Gn 15, 6), Maria é lembrada pela intensidade de sua fé em uma promessa, cujo conteúdo era um nascimento milagroso (Lc 1, 45).

Maria abre seu espírito e seu coração para a universalidade da Salvação que realizará o Filho que lhe foi dado. Hoje, somos herdeiros na fé da *“promessa feita aos nossos pais, em favor de Abraão e de seus filhos para sempre”*, e resgatados com o Povo de Israel e toda sua história.

## CONCLUSÃO

A bondade de Deus, manifestada no mistério da Encarnação e na salvação realizada em Jesus Cristo, é fonte de um profundo júbilo para toda a Igreja.

Quando a Igreja canta o Magnificat, não é primeiro em honra de Maria (embora seja também) mas, é antes de tudo, em honra ao Deus Redentor, que realiza em Jesus Cristo a Salvação da humanidade.

Quando a Igreja canta o Magnificat, ela se lembra da universalidade da promessa divina e se compromete em desenvolver os laços de fraternidade com todos. A virgem do Magnificat nos convida a transformar o mundo à luz do Evangelho, para enxergar em cada ser humano, um irmão.

Irmã Anne PRÉVOST  
*Filha da Caridade*

### Notas

<sup>1</sup> O Magnificat, R. Coste - (edições Nouvelle Cité)

<sup>2</sup> Conclusões da Conferência de Puebla, texto oficial, n.297, pág.158

<sup>3</sup> O Magnificat, C. M. Martini (edições Cerf)

<sup>4</sup> Angelus, João Paulo II (4 de dezembro de 1983)

### Desafios atuais

Província de Santo Domingo

#### **Nosso serviço junto aos bateys e na região de Quisqueya**

### Um pouco de História

A Ilha do Haiti contém dois Estados: a leste, a República Dominicana, e a oeste a República do Haiti. Na República Dominicana, podemos encontrar os bateys, acampamentos onde vivem os cortadores de cana de açúcar. Estes bateys são geralmente de acampamentos que se tornaram favelas onde vivem os cortadores de cana de açúcar e outros haitianos que vêm em busca de trabalho. Eles vivem em condições extremamente difíceis.

**Em 1967**, as Filhas da Caridade chegaram à região de Quisqueya onde há uma refinaria de cana de açúcar. Era uma das regiões mais pobres do país e lugar de imigração dos Haitianos, onde a Igreja ainda não estava presente.

Nesta região, a única fonte de renda era a produção de cana de açúcar: as pessoas que viviam deste trabalho eram bastante exploradas e mal pagas. Quando se aposentavam recebiam uma pensão miserável. Atualmente, a refinaria não existe mais. Diante desta situação, as pessoas tentam sobreviver e partem em direção às áreas turísticas ou “zonas francas” (espécie de paraísos fiscais). Infelizmente, por causa do desemprego e da falta de recursos, muitos caem na prostituição.

O serviço das Irmãs começou pela educação, evangelização e a promoção dos pobres. Assim a presença da Igreja torna-se mais visível entre eles. Depois de muitos anos na Educação, as Irmãs tiveram que deixar a escola, que se tornou pública. A missão não foi abandonada, elas se engajaram na área da saúde.

Em 1981, as Filhas da Caridade começaram seu serviço na área de saúde junto aos bateys dos arredores da antiga refinaria Quisqueya, de “San José de los Llanos” e em outros acampamentos da região de “San Pedro de Macoris”. As Irmãs partiam a pé, com os voluntários da Paróquia. Com uma caixa na cabeça, eles andavam muitos quilômetros para cuidar dos doentes que não podiam ir ao dispensário por causa do seu estado de saúde e de sua pobreza. Então, a comunidade refletiu como melhor responder a esta situação: era necessário um carro para se deslocar e ampliar os seus serviços que incluíam visitas domiciliares, um dispensário móvel e de saúde. Tudo isto graças a ajuda econômica dos organismos de solidariedade.

A Comunidade desenvolveu um projeto de assistência sanitária, esforçando-se para formar e organizar equipes de cuidados para que as pessoas que vivem nesta região dos bateys, possam ter infra-estrutura sanitária.

Atualmente, o dispensário móvel atende mais de 35 bateys e vilarejos nos departamentos Quisqueya e de San José de los Llanos. Mantido financeiramente por organismos nacionais e internacionais, ele funciona com uma visão cristã e vicentina

Este dispensário móvel é composto por um médico, enfermeiros, auxiliares de farmácia, Irmãs e mulheres que trabalham na promoção social, uma coordenadora e o motorista. Cada manhã, a equipe parte em direção dos bateys inscritos na lista para atendimento. Esta equipe assiste mais de 10.000 pessoas por ano, o que resulta em aproximadamente 900 por mês. Os caminhos que levam à estas pessoas são de difícil acesso e perigosos. Quando a equipe chega à batey, o médico recebe os doentes para a consulta e as enfermeiras fazem os curativos. Na sala de espera os doentes participam de uma palestra educacional. Durante este tempo, as Irmãs fazem a visita domiciliar, o que lhes permite conhecer as realidades e as necessidades das famílias. Elas recolhem as informações que permitem diagnosticar, organizar e tomar decisões.

A cada seis meses, a equipe visita todas as casas para distribuir vitaminas e medicamentos contra os parasitas. Um representante da autoridade de saúde local encontra a equipe móvel com as crianças malnutridas e as adolescentes grávidas. Estes responsáveis da saúde colaboram ativamente no recenseamento dos bateys. Quando se encontram diante de um problema difícil, chamam o médico ou as Irmãs.

A equipe propõe um programa de formação humana e cristã, para estas pessoas responsáveis pela promoção da saúde e que foram escolhidas pelas pessoas do seu respectivo vilarejo. Com ajuda e apoio, alguns terminam seus estudos com uma formação técnica e até mesmo uma faculdade.

### **As visitas domiciliares**

Através das visitas domiciliares podemos responder às necessidades mais urgentes das famílias pobres, denunciar as injustiças e partilhar a Palavra de Deus.

### **A Educação e o Ensino**

Nosso objetivo é de apoiar a educação das crianças e a formação profissional dos adultos. A equipe de formação é composta por profissionais e voluntários. Juntos, trabalhamos em colaboração com o Centro Jesuíta e o Serviço de Educação Nacional. Para cobrir as despesas de estudo, os pais participam, apesar dos poucos recursos, alguns jovens conseguem bolsas, os Jesuítas, os benfeitores e a prefeitura contribuem igualmente.

### **As Hortas**

Ao longo das nossas visitas, vimos terrenos abandonados e crianças desnutridas. Então, reunimos algumas famílias e lhes propomos plantar e cultivar uma pequena horta. Elas aceitaram e juntos elaboramos um Projeto que foi apresentado a uma ONG, que aceitou apoiá-lo. Um agrônomo anima este Projeto, orienta e aconselha o trabalho das Famílias. Atualmente, 40 hortas produzem legumes para a alimentação quotidiana e para venda.

## **Os imigrantes ilegais**

Para resolver este difícil problema que representa o grande número de pessoas sem documentos nos bateys e, portanto, em situação ilegal no país, estamos em contato com a "*Rede de imigrantes haitianos*", dirigida pelos Jesuítas. Eles nos ajudam a recolher os dados necessários para regularizar a situação destas pessoas. O responsável pela promoção social entre os bateys foi treinado e acompanha todas as etapas do processo junto com o Centro Jesuíta e a Embaixada haitiana. O processo demora muito, mas, muitas vezes termina com bons resultados.

## **Os idosos abandonados**

Diante da situação de inúmeros idosos que vivem sozinhos, abandonados, desnutridos e doentes, refletimos e solicitamos, junto ao Ministério da Agricultura, um dos antigos hangares da refinaria. Transformamos o hangar, e hoje é uma Residência para pessoas Idosas (A Síria) que abriga 22 idosos, homens e mulheres haitianos. Uma equipe médica (médico, enfermeira, Irmã e funcionário) cuida destas pessoas. Celebramos as festas civis, da Igreja e vicentinas. Para a Irmã que coordena o trabalho, esta possibilidade de servir o Cristo nas pessoas idosas, é uma particularidade de Deus.

## **Conclusão: um serviço profético pleno de esperança.**

Esta obra passou por muitas dificuldades, mas ela nos estimula a sermos testemunhas da profecia e da esperança no meio do povo sem esperança, vítima da injustiça, da exclusão e da marginalização. Foi possível avançar graças a generosidade das ONGs, da Companhia e do Governo dominicano.

Para responder a todas estas necessidades, nossa comunidade deseja educar as pessoas para o acolhimento e para a solidariedade em favor dos imigrantes haitianos. Estamos convencidas da presença das "sementes do Verbo" no coração de cada doente ou de cada jovem que cuidamos e de cada família que ajudamos. Fomos chamadas e escolhidas para esta missão. Todas as manhãs, o Espírito com seu Amor, nos convida a irmos ao encontro deles com coragem, no seguimento de Maria que foi à Ein Kerem.

Percebemos que a realidade vivida pela comunidade dos migrantes nos impulsiona a viver com mais força, nossa relação com Deus, a vida fraterna com alegria e o serviço de cada dia, com zelo e criatividade. Vemos que a formação permanente é mais do que nunca necessária, pois, precisamos estar atentas para traçar novos sulcos em nosso contexto e envolver as pessoas em sua promoção. Devemos contar com o trabalho em rede para resolver os inúmeros problemas e instaurar a mudança sistêmica. A missão que foi há muito tempo iniciada, ainda continua.

A Comunidade de Quisqueya

## NOMEAÇÕES

### **Designação das Visitadoras e nomeação dos Diretores Provinciais**

#### **DESIGNAÇÃO DAS VISITADORAS**

PROVÍNCIA DA ESLOVÁQUIA: Irmã Damiana PAGACOVA foi designada Visitadora substituindo Irmã Alzbeta VOLOSINOVA, em 8 de agosto de 2012.

PROVÍNCIA DE CURITIBA: Irmã Leonides SELHORST foi designada Visitadora substituindo Irmã Paula Pereira ALVES, em 19 de setembro de 2012.

\* \* \* \* \*

#### **NOMEAÇÃO DOS DIRETORES PROVINCIAIS**

PROVÍNCIA DE GRAZ-EUROPA CENTRAL: o Padre Alexander JERNEJ foi instalado Diretor das Filhas da Caridade, 02 de outubro de 2011. O Padre Sandor SZOKE foi instalado Vice-Diretor das Filhas da Caridade da Hungria-Romênia, em 02 de outubro de 2011.

PROVÍNCIA DE SEVILHA: o Padre MASIDE foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 14 de Março de 2012, até a ereção da nova PROVÍNCIA.

PROVÍNCIA DE CUBA: o Padre Gilbert WALKER foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 23 de Março de 2012, até a reestruturação das Províncias do Caribe.

PROVÍNCIA DAS CANÁRIAS: o Padre Gregório Ado TELLECHEA foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, em 7 de maio de 2012, até a ereção da nova Província.

PROVÍNCIA DA ÍNDIA DO NORTE: o Padre Thomas KOTTIRY foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade para um mandato de três anos, em 7 de maio de 2012.

PROVÍNCIA DA ÍNDIA DO SUL: o Padre Devasia PUDUSSERY foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de seis anos, em 12 de maio de 2012.

PROVÍNCIA DA SARDENHA: o Padre Ítalo ZEDDE foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de três anos, em 31 de maio de 2012.

PROVÍNCIA DE LOS ALTOS HILLS: o Padre Andrew BELLISARIO foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de três anos, em 31 de maio de 2012.



PROVÍNCIA DA FRANÇA SUL: o Padre Bernard MASSARINI foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por um mandato de três anos, em 19 de setembro de 2012.

### **Testemunho das Irmãs**

Província de Santa Luísa - EUA

### **El Paso, a serviço dos imigrantes sem documentos**

El Paso, uma pequena cidade dos Estados Unidos, a oeste do Texas, faz fronteira com um dos locais mais violentos do México: Juarez. Neste local, os cartéis de drogas e os traficantes aterrorizam os inocentes e matam a sangue frio. Por isso, os mexicanos fogem para El Paso no Texas, sem documentos e sem nada. Basta atravessar uma ponte, mas trata-se de um outro mundo.

El Paso é uma cidade conhecida por ser um paraíso onde aqueles que conseguem atravessar a fronteira podem encontrar uma relativa segurança. Podem trabalhar vendendo nas ruas objetos artesanais. Mas, quando alguém grita que uma patrulha da polícia de fronteira se aproxima, eles correm para se esconder nos centros de alojamentos já superlotados e em pequenos abrigos improvisados, esperando que o perigo passe. Isto significa que durante este tempo, eles deixam de ganhar dinheiro e sua situação, já bastante difícil, se agrava. Porém, eles preferem viver nesta situação do que ir para um Centro de Detenção, muitas vezes seguido pelo regresso forçado para às ruas perigosas de Juarez.

Seis Filhas da Caridade estão a serviço destes imigrantes sem documentos, elas trabalham nos centros de alojamento para os sem teto, nos centros de defesa jurídica, em dispensários, escolas e em um Centro de Detenção. Elas trabalham muito para que estas pessoas, que são extremamente gratas pelo amor e a aceitação que recebem pela presença destas Filhas da Caridade.

À noite, quando as Irmãs retornam para a Comunidade, elas partilham o que viveram durante o dia, desde as coisas mais simples às mais inacreditáveis ou absurdas e mesmo, alguns milagres. Em suas experiências elas testemunham a estupidez humana e a grandeza de Deus.

Para estas Irmãs comprometidas neste serviço com os migrantes, sem pátria, não teriam meios para atender as necessidades de seus familiares, sem a ajuda generosa das associações e organismos. O mais surpreendente é que, após um longo dia de trabalho extenuante, elas mantêm em seus corações a coragem e a esperança para recomeçar no dia seguinte com a mesma generosidade e a mesma devoção. Trata-se de um verdadeiro sinal da presença do Espírito.

Irmã Louise GALLAHUE  
*Filha da Caridade*

### **TESTEMUNHO DAS IRMÃS**

Província da Eslováquia

## **A missão em Omsk (Rússia)**

A pedido da Companhia, em 20 de abril de 2011, a Província da Eslováquia abriu uma nova missão na Rússia em Omsk. A Comunidade, formada por duas Irmãs que até então, trabalhavam neste mesmo país, porém na cidade de Nizny Tagil, acolheram uma terceira Irmã vinda da Eslováquia.

Omsk é uma cidade localizada na Sibéria ocidental com mais de um milhão de habitantes. Em comparação com as outras grandes cidades da Sibéria, Omsk é a que mais sofre com a pobreza, causada pelo grande número de migrantes, por falta de trabalho e pela perda do sentido da vida.

Através desta nova missão, queremos seguir as pegadas do Cristo Servo a exemplo dos nossos Fundadores. Nosso campo de trabalho é bem vasto. Aqui estão alguns serviços, através dos quais podemos testemunhar a ternura de Deus.

- às pessoas de rua que encontramos nos arredores da estação e no hospital
- às crianças de famílias pobres, pais alcoólatras, drogados, prostitutas.
- no serviço pastoral com dias de retiro espiritual, acompanhamento daqueles que participam, etc.

Em Omsk, encontramos uma equipe da Caritas, muito bem instalada que oferece o melhor de si mesma, para que este mundo seja mais justo e mais fraterno. Trabalhamos em colaboração com eles para combater as causas da pobreza e favorecer a paz e o respeito à vida humana.

Agora, gostaria de partilhar com vocês a experiência que estamos realizando desde o ano passado. Ela concerne aos habitantes dos vilarejos ao redor de Omsk cuja situação permanece crítica e sem nenhum tipo de melhoria há muitos anos. O governo não está em condições de resolver esta situação de aflição e as pessoas fogem para as grandes cidades. O problema principal é o desemprego.

Como Filhas da Caridade esta situação exige que sejamos inventivas e criativas na missão que nos foi confiada, a exemplo de nossos Fundadores. Uma vez que desejamos promover a qualidade de vida dos pobres, de numerosas famílias e sobretudo de crianças em idade escolar nas comunidades rurais, nosso primeiro objetivo é ajudar as famílias a aumentar a sua renda, através do desenvolvimento do sistema agrícola familiar, com a criação de gado.

### **Então, em que consiste o projeto ?**

Em colaboração com as assistentes sociais, uma Irmã designou 10 famílias numerosas, em situação precária, que juntas somam 32 adultos e 47 crianças em idade escolar.

Este projeto tem por objetivo ajudar as famílias à:

- Tornar-se independentes e responsáveis por sua promoção;
- Educar as crianças e lhes dá exemplo de trabalho;

- Melhorar a qualidade da alimentação das crianças;
- Erradicar a dependência da ajuda social;
- Continuar com a criação dos animais, após o término do projeto.

Graças às doações, conseguimos comprar 10 vacas destinadas às famílias. Cada família se responsabilizou de criar a sua vaca, com uma condição: oferecer o primeiro bezerro à uma outra família carente. Assim as famílias se tornam protagonistas de seu próprio desenvolvimento.

Confiamos esta missão às suas orações esperando que o Espírito Santo realize muito mais do que podemos imaginar.

Irmã Damiana PAGACOVA  
*Filha da Caridade*

### **Fontes e Atualidades**

### **História da Companhia**

No tempo de São Vicente... e hoje

#### **A espiritualidade de São Vicente (continuação) NA IGREJA ...**

Segundo São Vicente, o padre da Missão é enviado para evangelizar os pobres seguindo os passos de Jesus Cristo.

Sobre este assunto observamos a passagem de uma ideia de prioridade pastoral à evidência de uma presença de Jesus Cristo nos pobres. Assim, vimos São Vicente mostrar-se muito mais consciente da contribuição dos pobres em sua vida.

No que diz respeito ao próprio Vicente, ele sabe que deve aos pobres a revelação de um novo sentido para sua vida, seu ministério, e uma maturação decisiva de sua fé. Está certo que isto vem de Deus, mas também, sempre vem através dos pobres. Esta experiência, muitas vezes renovada, tornou-se para ele e seus discípulos, um princípio de vida.

Teria sido necessário retomar, em suas cartas e conferências, os textos em que São Vicente evoca a vida dos pobres, a fé, a coragem, a abnegação, a ajuda entre eles...ao mesmo tempo evidenciando o tipo de reciprocidade na relação de São Vicente com os pobres, onde não sabemos ao certo, quem contribui com o outro e se enriquece. De qualquer maneira, o pobre foi para ele o sinal, e o permanece para nós.

Esta evangelização dos pobres e esta relação vicentina com os pobres devem ser vividas, como desejou São Vicente, na Igreja. Mais uma vez, este é um elemento essencial de nossa vocação e de nossa identidade, que agora tentaremos analisar.

Na experiência espiritual de São Vicente, a noção de Igreja evoluiu no ritmo dos acontecimentos, e em relação aos Pobres, ele realmente se organizou somente após o ano de 1617.

Antes de 1617, São Vicente parecia ter percebido, sobretudo, o carácter institucional e hierárquico da Igreja. Encontramos em sua correspondência, uma carta que talvez tenha um certo valor autobiográfico. Datada de 5 de março de 1659, está dirigida a um senhor chamado Dupont-Fournier, advogado em Laval.

Este advogado tinha uma vocação tardia, e diríamos até, muito tardia, que São Vicente procurava responder nestes termos:

*“Senhor, vosso filho que está em Cahors, tendo me enviado uma carta para que esta chegue até vós, me pede, ao mesmo tempo de favorecer os desejos que tendes de vos incorporar em um seminário. O que faria com muito gosto, senhor, se não fossem as dificuldades que para isto encontro.*

*Primeiramente, por toda parte paga-se pensão, e uma pensão considerável, e não sei a quem me dirigir que possa e queira contribuir para pagar a vossa, conforme já vos disse na carta que tive a honra de vos escrever anteriormente.*

*Em segundo lugar, sua idade avançada não vos permite que sejais reduzido a uma vida de regras e sujeitar-vos aos exercícios de um seminário.*

*Em terceiro lugar, por esta mesma razão, eu teria problema de consciência ao ajudar-vos a entrar nas ordens sagradas, especialmente, no sacerdócio, porque são infelizes aqueles que entram pela janela de sua própria escolha, e não pela porta de uma legítima vocação. No entanto, é grande o número daqueles que assim o fazem, porque olham o estado eclesiástico como uma condição tranquila, na qual buscam o repouso em vez de trabalho, e daí vêm os grandes desastres que vemos na Igreja, pois isto contribui com a ignorância dos sacerdotes, os pecados e as heresias que a desolam. É por isso que São João Crisóstomo disse que haverá poucos sacerdotes salvos. E por quê? Porque, Deus não concede as graças necessárias para cumprir as obrigações deste estado sagrado, exceto àqueles que por sua Bondade são chamados e jamais chama alguém que Ele não veja as qualidades próprias, ou que Ele não tenha o desígnio de concedê-las. Para os demais, Ele os deixa livres e permite a punição pela sua ousadia, que fazem mais mal do que bem, e finalmente se perdem” (Coste VII, 462-463).*

Vemos facilmente, presentes em algumas passagens desta carta, traços mais ou menos conscientes da personalidade de São Vicente.

Em 1612, em Clichy, o horizonte se amplia e Vicente faz a experiência da vida no meio de um povo, com quem sua vida de fé parece ter retomado o vigor, e seu ministério pareceu ter encontrado um sentido.

Na conferência de 27 de julho de 1653 (Coste IX, pág.421-431) sobre “a prática de pedir licença”, São Vicente dá um testemunho interessante no qual, precisamente, coloca em paralelo o padre no meio de um povo, e a hierarquia a qual Vicente sempre esperava alcançar um dia.

Vejamos o que ele disse: *“Creio que o Papa não é tão feliz como um pároco no meio dum povo com tão bom coração”. E um dia o Senhor Cardeal de Retz perguntava-me: ‘Então, Senhor, como vos encontráreis?’ respondi-lhe: ‘Monsenhor, estou tão contente, que nem vo-lo sei exprimir’ - ‘Por que?’ - ‘É que tenho um povo tão bom, tão obediente a tudo o que lhe digo, que penso que nem o Santo Padre, nem vós, Monsenhor, sois tão feliz como eu” (pág. 423).*

Indiscutivelmente, este contacto de São Vicente com um povo e esta vida em meio ao povo constituíram para ele uma nova e rica experiência da Igreja, esta Igreja que, sem dúvida, até então, São Vicente tinha abordado e concebido sob seu aspecto institucional e hierárquico.

Este foi, portanto, o grande ano de 1617, com a missão de Folleville e as que dela logo se seguiram e depois a experiência na paróquia de Châtillon. Todo o pensamento e ação de São Vicente se organizaram progressivamente em torno da evangelização dos pobres. A Igreja começou a ser percebida e definida a partir da luz do Evangelho de Lucas (4, 18). Vicente compreendeu que tinha sido ela, a Igreja, a exemplo de Jesus Cristo e com Jesus Cristo, a primeira consagrada e enviada para evangelizar os pobres...

O relato da missão de Marchais (Coste XI, 34-37) nos dá uma referência a mais da **reflexão eclesiológica e pastoral** de São Vicente. A objeção do huguenote contra a condução da Igreja pelo Espírito Santo se baseou no fato de que esta mesma Igreja se desinteressava da evangelização dos pobres. Um ano mais tarde, este protestante assistiu a missão de Marchais e declarou: “*Agora, estou vendo que é o Espírito Santo que conduz a Igreja romana, porque se preocupa com a instrução e com a salvação dos pobres camponeses*”. E a conclusão de São Vicente merece ser lembrada: “*Oh! que felicidade para nós, Missionários, verificar a conduta do Espírito Santo sobre sua Igreja, trabalhando como nós, na instrução e santificação dos pobres!* (Coste XI,37).

Portanto, de acordo com São Vicente, a Missão ou evangelização dos Pobres tornou-se a evidência da ação do Espírito Santo na Igreja. A missão é o sinal privilegiado e, a medida que a Igreja se encaminha para os Pobres, comprova que ela é de Deus e que realiza a obra de Deus.

A partir de então, para São Vicente, a Igreja se torna nitidamente a primeira responsável pela evangelização, tendo como prioridade, a evangelização dos pobres. Isto estremeceu fortemente a concepção institucional e hierárquica da Igreja que era antes a de Vicente.

A Igreja se torna uma empresa da evangelização, cujos padres, leigos, religiosos e religiosas são os “operários”, os “operários evangélicos”.

São Vicente podia então escrever à Cláudio Dufour, um coirmão com tendência à vida contemplativa: “*... Considerai vossa conformidade de vida, com a que Nosso Senhor levou sobre a terra, pois esta é a vossa vocação. A maior necessidade que a Igreja tem, hoje, é de ter operários que trabalhem para retirar a maioria de seus filhos da ignorância em que estão, e dar-lhes bons pastores, que foi o que o Filho de Deus veio fazer neste mundo; e vós vos sentireis feliz de serdes aplicados, como Ele, a esta santa obra*” (Coste III, 165). Pouco tempo depois, São Vicente esclarece ainda mais seu pensamento e de maneira abrupta e provocadora: “*...A Igreja tem muitas pessoas ociosas, muito inúteis, e, mais ainda, que a destroem. Sua grande necessidade é de ter homens evangélicos que trabalhem para purificá-la, iluminá-la e uní-la ao seu divino esposo; e é isto que vós fazeis, por sua divina bondade*” (Coste III, 202).

Operários evangélicos, operários que trabalhem... Aqui estão as perspectivas eclesiais de São Vicente, após o ano de 1617. Ele está tão impulsionado pelas urgências da evangelização dos pobres, que quase chega a contestar a vida contemplativa ou pelo menos, a vida de muitos contemplativos do seu tempo.

Parece que o tempo da honrosa aposentadoria está bem distante! O apelo dos pobres, seu abandono, sua ignorância, apressam-lho e levam-lho a olhar quase com desconfiança os estados de vida e as vocações que se mantêm distante da missão e da evangelização.

Devemos reconhecer que, em São Vicente, não se encontram longas e ricas considerações sobre o Corpo místico, sobre as relações vivas e vivificantes entre a Trindade e a Igreja; exceto, talvez, em tal passagem que concerne acidentalmente à vida da Comunidade: mas, como vocês sabem, São Vicente não foi um teórico. Estava constantemente provocado pela expectativa, pelo apelo dos pobres, e portanto, com poucas condições de abstração e de reflexão profunda, mesmo no campo da Eclesiologia. Encontramos em São Vicente uma simplicidade extraída do contacto com o evangelho e conjugada com a realidade; esta simplicidade que alguns julgaram simplista.

No entanto, em casos semelhantes, Vicente perde em abstrações e em considerações, mas ganha em dinamismo e empenho. Estaria aqui o carisma dos verdadeiros místicos, que na história da espiritualidade, algumas vezes, tomaram atalhos desconcertantes, entre sua fé e sua ação?

Portanto, para São Vicente a partir de 1617, a Igreja surgiu, primeiro como “Missionária”, uma espécie de encarregada da missão no seguimento de Jesus Cristo, tendo esta missão como prioridade a evangelização dos pobres.

Daí três conclusões que delimitam bem seu sentido de prática da Igreja e nossa identidade eclesial.

- Nenhuma missão sem envio da Igreja,.
- Nenhuma missão que não seja partilhada.
- Nenhuma missão que não seja universal.

Refletiremos sobre estes três pontos que estão na base da prática vicentina, e que permanecem importantíssimas para cada um de nós, hoje.

## **1 - Nenhuma MISSÃO sem ENVIO DA IGREJA**

Talvez, seja a este nível que se possa melhor medir o sentido da Igreja para São Vicente de Paulo. Esta exigência radical de um envio se enraíza, claramente, em sua fé em Jesus Cristo e sua percepção do mistério da Salvação.

Somente Deus pôde e quis salvar os homens e o mundo, por isso, quis enviar seu Filho. Desde então, está claro: Jesus Cristo é a Salvação. Porém, Jesus Cristo confia esta salvação aos apóstolos, e os encarrega do anúncio para realizá-lo até os confins da terra. A Igreja assume, por sua vez, a missão de Jesus Cristo. Toda iniciativa nesta área deverá ser, a partir de agora, dos apóstolos ou de seus sucessores, isto é, da Igreja. *“Muitas vezes, senti um grande consolo, e isto me consola ainda hoje, de ver como Deus nos concede a graça de nos enviar para pregar sua palavra ao mundo inteiro, como o fez a seus apóstolos. Ó Salvador ! temos as mesmas credenciais de envio que os apóstolos! (Coste XI, 258).*

Sem dúvida, o grande abalo do protestantismo não foi sem razão, mas, para São Vicente o enfoque da Igreja que chamamos “apostolicidade” assumiu uma grande importância.

“No seguimento de Jesus Cristo... a exemplo dos apóstolos...” foi um tema recorrente nas apresentações e argumentações a respeito da Missão, e recebia precisamente todo seu valor e sua força de eficácia, de continuidade apostólica e de imitação evangélica.

Então, compreendemos bem a importância que São Vicente dava à relação de todas as suas iniciativas e fundações com o bispo e o Papa. Nesta inquietação, havia em São Vicente muito mais do que preocupações de ordem institucional ou prática. Foi assim, por exemplo, que sempre teve dificuldade de compreender e admitir a ânsia de autonomia e de isenção de alguns religiosos do seu tempo, e isto certamente não se baseava em insignificantes razões oportunistas ou de conveniência.

O breve pontifício "Ex commissa nobis" de 22 de setembro de 1655, que confirma e aprova o uso dos votos simples pela Congregação, isentava os missionários da jurisdição dos Ordinários em todas as coisas, excepto para as funções externas, e mantinha-os oficialmente no corpo do clero secular: *“dicta congregatio non censeatur in numero Ordinum religiosomm sed sit de corpore cleri secularis”* (“a dita

*congregação não será considerada entre o número das Ordens religiosas, mas do corpo do clero secular”*) (Coste XIII, 382)

Assim que saiu a aprovação de Roma, juntamente com o privilégio da isenção canônica, São Vicente escreveu a Etienne Blatiron, superior em Gênova: *“Quanto à dependência dos bispos, posso assegurar-vos que de modo algum contribui para que fosse dada a explicação como indica o dito breve; não escrevi, nem disse nada a respeito disto nem de perto, nem de longe; foram estes senhores que o Papa delegou, que julgaram conveniente assinalar no sentido que se apresenta. Ora, vós sabeis que a Vontade de Deus nos acontecimentos é melhor conhecida quando estes ocorrem sem a nossa intervenção, ou de maneira diferente de como o pedimos. O fato é que os Senhores Bispos têm um poder absoluto sobre nós, sobre todas nossas funções externas, assim como sobre os seminários e ordenações, como para as missões”* (Coste V, 453).

Aqui está o essencial que São Vicente quer manter, a todo custo, tanto para a Missão, como para as Conferências e as Filhas da Caridade. Em setembro ou outubro de 1635, São Vicente escreveu ao Bispo de Béziers Clemente de Bonzi: *“...somos totalmente sujeitos à obediência aos nossos senhores prelados, no sentido de ir para todos os lugares de suas dioceses para onde quiserem nos enviar, a fim de pregar, catequizar e exortar o povo pobre a fazer a confissão”* (SV I, 346).

Observemos, ao mesmo tempo, a firmeza sobre a finalidade da Missão: não se trata de aceitar qualquer chamado de uma Igreja local. São Vicente acrescenta: *“... em resumo, somos, em relação aos senhores prelados, como os empregados do centurião do Evangelho: se nos disserem, vão, somos obrigados a ir; se nos disserem, vinde, somos obrigados a vir; fizemos isso somos obrigados a fazê-lo”* (SV I, 346).

Com certeza, trata-se aqui do início da Missão que tem apenas dez anos; mas São Vicente permanecerá até o fim, tão firme sobre a obediência aos bispos, sobre os lugares e funções, como sobre a finalidade da Missão rigorosamente interpretada e aplicada. Está claro: compete aos bispos dizerem onde os pobres estão clamando em sua diocese; e se realmente se trata de evangelização dos pobres, compete então aos missionários de ir, vir e fazer....como o empregado do centurião.

Para as Confrarias, não houve nenhum problema, porque elas eram e permaneceram estruturas paroquiais sob a dependência dos párocos.

Às Filhas da Caridade, a mesma convicção e perseverança: *“Elas são Filhas da paróquia”* diz São Vicente. E Deus sabe, se ele insiste e traz precisões sobre este ponto: *“Mas, devo obedecer ao pároco, onde sirvo os Pobres? Sim, minha Irmã, como a Deus, em tudo que respeita aos Pobres... Minhas Irmãs, habituai-vos a esta prática e dedicai-lhe um grande respeito. Quando vos disserem: “minha Irmã, há um doente em tal lugar que é preciso visitar” Dizei: “vou vê-lo, Senhor”* (conf. de 2 de dezembro de 1657, sobre a obediência, págs 710 e 712).

Escrevendo à Tiago de la Fosse, uma das mentes, mais talentosas e dinâmicas da Comunidade, São Vicente lembra alguns detalhes no que se refere ao estado de vida das Filhas da Caridade, tal como ele o quis, e sem dúvida, sobre este assunto, esta carta (7 de fevereiro de 1660) é uma das mais claras: *“... as Filhas da Caridade não são religiosas, mas Irmãs que vão e vêm como seculares; são pessoas das paróquias sob a direção dos párocos no lugar onde estão estabelecidas e se dirigimos a casa em que se formam, é porque os desígnios de Deus, para dar nascimento à sua pequena Companhia, serviram-se da nossa. E sabeis: Deus utiliza os mesmos meios para dar o ser às coisas e para conservá-las”* (Documento 783, pág. 1026).

É inútil multiplicar citações e referências sobre este assunto. É inegável que São Vicente quis conservar e autenticar na Igreja, todos esses empreendimentos e fundações, e de modo mais preciso, em uma Igreja local. Nada lhe parecia mais estranho ao seu espírito que as obras e as atividades que se desejassem autônomas e não inseridas.

É conveniente nos voltarmos para a nossa situação e a nosso estado na Igreja e mais precisamente ao que chamamos nossa secularidade; uma palavra que foi equivalentemente empregada por São Vicente, que falava do clero secular, ao qual desejava absolutamente que pertencêssemos. Contra uma forte corrente na Comunidade, São Vicente quis que o padre e o irmão da Missão pronunciassem os votos. Alguns cumpriram, outros se recusaram até o fim. Aliás, em 1650 São Vicente disse: *“Jamais fiz diferença entre aqueles que fizeram os votos e os que ainda não o fizeram, e não se deve sobrecarregar uns para poupar outros”*(Coste IV, 50). Talvez, vocês saibam que São Vicente nomeou Visitador Provincial um dos Coirmãos que se opôs aos votos e se recusava a pronunciá-los.

São Vicente desejava que se pronunciassem os votos na Comunidade, sem no entanto, obrigar ninguém. Mas, não se pode negar que ele jamais quis ou aceitou nosso desligamento do que ele chamava: o clero de São Pedro. Temos provas que em um determinado momento, ele teria preferido renunciar aos votos, que renunciar a pertença ao clero secular.

Por que este apego e esta convicção da parte de São Vicente? Noto várias razões para isso.

Primeiro, não esqueçamos que fomos fundados por um padre secular, e que durante mais de sete anos, de 1617 à 1625, as primeiras missões foram pregadas e animadas por padres seculares: São Vicente, Antônio Portail, e as ajudas ocasionais. Isto ainda continuou por alguns anos. Portanto, a Missão durante anos foi uma instituição e um empreendimento secular. Isto é um fato histórico: todas as realizações de São Vicente são praticamente definidas num contexto secular.

À esta razão se acrescentam outras de ordem pastoral. São Vicente concebeu todas as suas fundações e realizações, em continuidade e prolongamento natural de uma responsabilidade pastoral, e isto foi, sem dúvida, um eco de Clichy e de Châtillon. A Missão, esta “pastoral extraordinária”, como a qualificavam os padres de Paris, em seu protesto oficial de 04 de dezembro de 1630 (Coste XIII, 227-232), São Vicente a via, contrariamente, como muito próxima e complementar das responsabilidades habituais de um pastor “residente”. Ao contrário dos religiosos da época, São Vicente ficou naturalmente atraído pela ação com os residentes e não além, ao lado, ou acima deles. Aliás, a experiência lhe provou que esta era a única maneira de ser eficaz para a evangelização e o serviço dos pobres. Pastoralmente, uma intervenção missionária de fora, ao lado ou acima do clero residente, lhe parecia perigosa e ineficaz. Por isso tinha um grande cuidado para preservar o lugar e a primazia do pároco, tanto nas missões, como nas atividades das Confrarias ou no serviço das Filhas da Caridade.

Finalmente, a preocupação de São Vicente em preservar nosso caráter secular se explica por razões ainda mais profundas: sua concepção de Igreja e a preocupação que tinha com a continuidade da missão apostólica. Poderia propor-lhes vários textos da “Lumem Gentium” ou de “Christus Dominus”; mas, basta dizer-lhes que, na minha opinião, um padre da Missão tem as melhores razões para sentir-se em plena harmonia com o Vaticano II, sobre este ponto como sobre muitos outros.

Portanto, não existe missão sem envio por parte da Igreja, sem inserção em uma Igreja, sem vínculo com o Bispo e a paróquia.



## 2 - NENHUMA MISSÃO que não seja PARTILHADA

Este é um outro aspecto das convicções eclesiológicas de São Vicente. Para ele, uma missão jamais foi uma obra de estranhos que estão de passagem. Ao contrário, foi sempre um empreendimento comum que mobilizava em direção a continuidade de um mesmo fim: os leigos, o clero residente e mesmo os religiosos que se encontravam no lugar ou dispostos a dar o seu apoio (cf. Coste I, 175 ; III, 249 ; IV, 74 ; VII, 33, 100, 320, 324, 518...).

Para São Vicente, a missão era realmente uma experiência da Igreja, uma experiência do povo de Deus ao longo da qual uma paróquia, conhecia e tomava consciência de sua identidade cristã e aceitava voltar-se para os pobres, a comprometer-se com os pobres. Sabemos que, no processo e na estratégia da missão, a Confraria (Ação Católica da época) deveria permanecer como o sinal que “verificava a ação do Espírito Santo sobre a Igreja”.

O lugar que São Vicente deu aos leigos foi, ao menos, surpreendente e profético. Existem textos que mostram amplos horizontes sobre este ponto: por exemplo, o que se refere a Eucaristia, que testemunha uma extraordinária assimilação da doutrina do Concílio de Trento, com uma certa antecipação ao Vaticano II:

*“ ... quando um padre celebra a missa, devemos acreditar e saber que é Jesus Cristo, o principal e soberano sacerdote, que oferece o sacrifício; o padre é apenas o ministro do qual Nosso Senhor se serve para realizar exteriormente esta ação. Ora, o acólito que serve o sacerdote e aqueles que escutam a missa participam como o sacerdote, do sacrifício que oferecem com ele? Sem dúvida que eles participam, e mais do que ele, se têm mais caridade que o sacerdote. As ações são pessoais; não é a qualidade do sacerdote ou do religioso que faz com que as ações sejam mais agradáveis a Deus e mereçam mais, senão a caridade, se eles a tiverem maior do que a nossa”. (Coste XII, 375-376).*

São Vicente viu ampla e claramente o lugar dos leigos na comunidade eucarística e na obra de evangelização. Novamente aqui, se ele não se deu ao trabalho, nem tempo de nos deixar a síntese de sua teologia sobre a Igreja, ao menos buscou realizá-la e vivê-la na Igreja, como experiência de um povo de Deus, a caminho da salvação em Jesus Cristo, com os pobres.

## 3 - Nenhuma MISSÃO que não seja UNIVERSAL, isto é, nas dimensões da Igreja

Esta é a terceira consequência da fé de São Vicente na Igreja de Jesus Cristo.

De experiência missionária em experiência missionária, de Marselha à Argel e da Barbaria à Madagascar, São Vicente, homem prático e concreto, homem de experiência, conseguiu atingir as verdadeiras dimensões da Igreja: uma Igreja evangélica, chamada e enviada às extremidades da terra.

Se vocês tiverem tempo para ler as correspondências e as conferências de 1645 à 1652 ou 1653, perceberão como o ano de 1648 se sobressai na reflexão e na caminhada de São Vicente: 1648, o ano de Madagascar! Este foi, incontestavelmente um grande ano, assim como 1617, como 1624-1625 (o encontro com Luísa de Marillac), ou 1630-1632, o importante encontro e caminhada com Margarida Naseau.

O ano de 1648 foi o ano da reviravolta, e peço perdão pela palavra. A caridade de São Vicente e a Missão pareciam, então, ter encontrado suas verdadeiras dimensões, as da Igreja e as do mundo. Após 1648, São Vicente não será mais o mesmo. Curiosamente, esta distante missão de Madagascar quase inacessível

vai se tornar o protótipo da missão, e os missionários de lá serão apresentados como aqueles que são sempre evocados, para reacender a chama nas comunidades de França. São Vicente vai se empenhar para fazer circular em toda a Congregação e também na Companhia das Filhas da Caridade, as notícias de Madagascar.

No entanto, na concepção vicentina da Igreja, já tão rica e tão profética, lhe faltava, pelo menos concretamente, o sentido universal, a atração pelo mais distante. Após, 1648, isto foi feito, e a este nível de universalidade e de catolicidade, o papado reencontra, no que se refere a São Vicente, seu papel e seu significado missionário, sua verdadeira responsabilidade: a evangelização.

Na comovente repetição de oração de 30 de outubro de 1657, quando São Vicente anunciou as más notícias da missão de Gênova e de Madagascar, ao descrever o histórico da missão de Madagascar, destaca que os primeiros missionários tinham respondido ao chamado da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé:

*“ ... esta Congregação para a Propagação da Fé é a que tem o poder de enviar a estas Missões. O Papa, que é o único que tem o poder de enviar ao mundo inteiro, deu-lhe o poder de o fazer e de dedicar-se a isso. Os bispos têm somente o poder nos respectivos territórios de sua arquidioceses ou dioceses, mas esta Congregação recebeu do Papa este poder de enviar até os confins da terra, e ela nos envia”* (Coste XI, 421-422).

A partir de agora, para São Vicente, a missão tinha encontrado a dimensão e a motivação apostólica “até os confins da terra” e para ele, a Igreja tinha as dimensões da Missão.

Mais uma vez, vimos de modo geral, sem muito aprofundar ou analisar. Mas, as grandes diretrizes apareceram e poderemos prolongar nossa reflexão interrogando-nos sinceramente sobre nossa fidelidade à Igreja. Para nós, a exemplo de São Vicente, trata-se sobretudo de uma fidelidade à Igreja missionária encarregada pelo Cristo da evangelização e da salvação dos pobres; fidelidade à uma Igreja que partilha e é solidária; fidelidade a uma Igreja nas dimensões do mundo e atraída, sobretudo, por aqueles que estão...mais distantes.

Como dizia São Vicente, temos a mesma credencial de envio que os Apóstolos, no seguimento de Jesus Cristo. Interroguemo-nos sobre nossa fidelidade a esta credencial de envio.

### **EM COMUNIDADE ...**

No seguimento de Jesus Cristo... o Missionário do Pai...para evangelizar os pobres na Igreja...em Comunidade.

É sobre este tema que terminaremos nosso retiro. A comunidade, segundo São Vicente, é um tema essencial e um tema para os dias atuais.

Evidentemente, esta última característica de nossa identidade e de nossa vocação não deve ser colocada exatamente sobre o mesmo plano que as anteriores. Para São Vicente, a Comunidade em relação à evangelização, era apenas um meio. Mas, sem dúvida, tratava-se aqui de um meio privilegiado muito importante.

No contrato de fundação da Congregação da Missão (de 17 de abril de 1625), já estava estipulado o seguinte: *“os referidos eclesiásticos viverão em comum sob a obediência do citado senhor De Paulo”* (Coste

XIII, 200). O ato da associação dos quatro primeiros missionários (de 4 de setembro de 1626) declarava que estes quatro sacerdotes “*se reúnem e vivem juntos para trabalhar na salvação do pobre povo*” e afirmava que viveriam juntos, “*como Congregação, Companhia ou Confraria*” (Coste XIII, 204).

Para fazermos uma ideia da Comunidade, tal como São Vicente a concebeu e quis para nós Lazaristas, retomemos, mais uma vez, as sucessivas experiências de São Vicente em matéria de vida em Comunidade.

Antes da Missão, isto é, até o ano de 1625, houve antecedentes de importância e influências desiguais. Primeiro, teve a experiência familiar que, de alguma maneira, foi uma experiência comunitária, a primeira experiência vicentina de vida em comum. Já tivemos a ocasião de observar, como São Vicente utilizou, muitas vezes, o vocabulário da família, quando falava da vida comunitária e das relações em comunidade.

Aconteceu também, no final do ano de 1611 a experiência Oratoriana, sobre a qual nos fala Abelly e que certamente teve sua influência na reflexão posterior de São Vicente. Tratava-se de uma comunidade concebida, primeiro, como um meio de busca para a perfeição sacerdotal e como um lugar de santificação:

*“O mesmo Deus, explicava Bérulle, que estabeleceu em nossos dias em diversas famílias religiosas, o espírito e o fervor de sua primeira instituição, parece querer também repartir a mesma graça e favor ao estado do sacerdócio... e renovar neste, a perfeição. É para acolher esta graça que estamos reunidos neste local e sob esta forma de vida que começa”* (Migne, 1270).

São Vicente viveu algum tempo nestas perspectivas. É curioso observar que em Châtillon, se encontrou com seis padres idosos, associados que viviam na libertinagem: “*O Padre Vicente provoca uma mudança significativa, tanto em suas ações, como em seus costumes, levando-os a viver em comum*” (Coste XIII, 50: relatório de Carlos Déméia sobre a estadia de São Vicente em Châtillon-les-Dombes). Na linha de experiência do Oratório, a vida em comum, aqui, parecia bem: uma Comunidade para a santificação.

Em seguida veio a experiência das Confrarias. Esta foi a primeira fundação vicentina, a que profundamente marcou Vicente de Paulo e que o influenciou e orientou claramente para o futuro. Desta vez, tratavam-se de pessoas que se reuniam **para** uma atividade, **para** um serviço. O primeiro regulamento de Châtillon, em suas primeiras linhas, afirmava que: “*as senhoras abaixo assinadas, associaram-se PARA, caridosamente, assistirem aos pobres doentes*” (Documento 1, pág. 01): associam-se para assistir os pobres. Esta expressão: “*associam-se para...*”, depois, nós a reencontraremos, constantemente, tanto na Congregação da Missão como nas Filhas da Caridade.

A introdução do Regulamento de Châtillon (Documento 2, pág. 03) especifica as motivações, explicando que a estrutura comunitária é o meio para assegurar a ordem e a duração na ação.

*“Os pobres...algumas vezes sofreram muito. E isso mais por falta de organização para socorrê-lo, do que por falta de pessoas caridosas”*.

Quanto a duração, observa-se: “*Entretanto, porque é de se temer que esta boa obra iniciada venha a decair dentro em pouco, caso não haja alguma união, algum vínculo espiritual para sustentá-la, elas se dispuseram a se associarem numa corporação*”.

A ordem e a duração na ação são as motivações tipicamente vicentinas por um trabalho em comum. Para o momento, portanto, teve a experiência “oratoriana”: nos reuníamos para melhor nos santificar e a experiência das Confrarias: nos unimos para melhor servir.

O período de 1618 à 1625 foi aquele em que São Vicente ia de aldeia em aldeia para fazer missão. Esta experiência foi determinante. Seria necessário ter tempo para analisar os testemunhos e ecos que o próprio São Vicente nos deixou (Coste XI, 4-5, 170-171; XII, 7-8). Vemos aí, a ideia de comunidade nascida das exigências da Missão e das realidades concretas do trabalho missionário. Primeiro, houve o pedido de socorro dirigido aos Padres Jesuítas de Amiens, “tanta urgência que tinha”, diz São Vicente. Neste caso, já se tratava da percepção da necessidade de ser muitos para a missão, percepção que, evidentemente, nasceu das condições de trabalho. Depois desta ajuda ocasional e repetida, se passa progressivamente à ideia de uma equipe mais estável, melhor especializada e totalmente disponível. É a época em que o Padre Antônio Portal foi contactado e começou a participar das missões com o Padre Vicente.

Vieram em seguida as instalações no Colégio des Bons-Enfants (em março de 1624) e o contrato com a fundação da Congregação da Missão (em 17 de Abril de 1625). No texto já se encontravam, as conclusões das experiências das missões realizadas desde Folleville: tratava-se, na realidade, de constituir “*uma pequena comunidade com seis eclesiásticos, ou um número que permita viver das rendas da fundação*” (Coste XIII, 199).

Esta comunidade teve um carácter claramente apostólico. Tratava-se, certamente, de uma comunidade para a Missão, e isso foi repetido várias vezes, insistindo-se sobre a disponibilidade missionária. Os eclesiásticos deverão aplicar-se “*inteira e puramente à salvação do pobre povo*”. Percebe-se aqui o eco das dificuldades e das carências encontradas ao longo dos oito anos precedentes, quando São Vicente só podia pedir ajuda dos voluntários ocasionalmente.

No contrato, também foi tratado explicitamente a questão da duração e da estabilidade no serviço da Missão. Para garanti-los, o contrato previa que os missionários deveriam renunciar a todos os outros encargos, benefícios e dignidades, embora se tenha previsto que, se fosse o caso, poderiam permanecer em uma paróquia “*após ter servido oito ou dez anos na Missão*”.

Quanto à vida em comum, estava prevista e ritmada de acordo com o trabalho no campo: de outubro a junho, eram as missões; depois de junho a outubro, prestavam serviço aos párocos que os solicitassem e estudariam para “*tornarem-se ainda mais capazes de assistir ao próximo*”. Resumindo, oito meses para passar de aldeia em aldeia (com uma pausa após cada mês de missão) e quatro meses de residência.

No que diz respeito à partilha dos bens, um princípio foi claramente estabelecido, o da gratuidade do trabalho missionário, princípio que São Vicente vai sustentar firmemente. Portanto, os missionários viverão da renda da fundação. Desta forma, a partilha dos bens não é o fato de colocar em comum a totalidade dos frutos do trabalho, mas está incluído também, de um lado, a renúncia às rendas pessoais e de outro lado, o fato de todos viverem da bolsa comum, alimentada pela renda da fundação.

Nesta condição, trata-se certamente, de uma comunidade para a Missão, de uma instituição tipicamente apostólica onde tudo era concebido e organizado para melhor assegurar o trabalho da Missão. E assim aconteceu até o ano de 1632.

Primeiro, teve a comunidade dos três: São Vicente, Antônio Portail e um padre a quem era pago 50 escudos por ano. Depois, em setembro de 1626, passamos à comunidade dos quatro primeiros da Missão:

São Vicente, Antônio Portail, Francisco du Coudray e João de la Salle, e finalmente em 1º de agosto de 1628, a comunidade dos nove da Missão, era constituída pela comunidade precedente, mais: João Bécu, nascido em Braches, na região do Somme, em 24 de abril de 1592; Luís Callon doutor de Sorbonne que morreu em 1647, João Dehorgny d'Estrées-Saint-Denis no Oise, João José Brunet nascido em Riom em 1597, e Antônio Lucas nascido em Paris, em 20 de janeiro de 1600.

Na primeira organização da Comunidade, houve um longo período de residência entre os trabalhos das missões. Durante estes períodos, a vida tomava progressivamente o ritmo e os costumes de uma vida religiosa; e isto acentua-se claramente, em 1632 com a entrada no priorado de São Lázaro, onde o passado e a disposição do local favoreciam essa mudança. Mas, o período de residência não foi o período modelo, nem a situação normal da Comunidade. O período modelo foi quando a comunidade estava no trabalho, em missão, de aldeia em aldeia. Aliás, muitas vezes, a correspondência de São Vicente o atestava, o tempo de residência foi reduzido em benefício do trabalho. Encontramos mesmo em uma carta de Vicente de 12 de setembro de 1631, este comentário ligeiramente nostálgico:

*“ ... vivemos em Paris uma vida quase tão solitária quanto a dos Cartuchos, porque, não pregando, nem catequizando, nem confessando na cidade, quase ninguém tem a ver conosco, nem nós com ninguém... ”* (SV I, pág. 136).

Não posso desenvolver ainda mais este histórico, mas já notamos que São Vicente desejava que a Comunidade da Missão fosse uma comunidade apostólica. Nascida sob as exigências da Missão, foi concebida e estruturada em função da Missão. Cronológica e naturalmente, a Missão precedeu a Comunidade. Em Folleville, Vicente percebeu que não seria suficiente somente este tipo de trabalho. As ajudas ocasionais o levaram, depois, a desejar e vislumbrar algo mais estável, como uma equipe que se dedicasse “inteira e puramente” à Missão. Foi assim que a comunidade nasceu e se estruturou, verdadeiramente, da Missão e de suas exigências. Mesmo os tempos de residência foram, em grande parte, monopolizados pela Missão: se exercia o debate, a pregação e o catecismo: estudava-se “para tornar-se mais apto ao serviço do próximo”, como o dizia São Vicente. Portanto, foi primeiro uma Comunidade de trabalho e de partilha.

Esta constatação é de grande interesse para avaliar nossa maneira de pensar e viver a comunidade de hoje, no plano local, no plano provincial ou no plano geral.

Antes de qualquer outra consideração, devemos nos lembrar que a razão de estarmos reunidos e de vivermos em comunidade, é a Missão, a evangelização. É a partir desta convicção e sobre ela, que deve ser construída ou eventualmente reconstruída a Comunidade. O que para nós poderia ser fatal seria estabelecer ou aceitar uma dicotomia, uma espécie de divórcio entre o ideal comunitário e as necessidades de trabalho. Também seria perigoso e talvez, mortal, estabelecer ou aceitar uma modificação na escala de valores, que colocasse a Comunidade acima do trabalho, que conduzisse a escolha do trabalho missionário em função dos imperativos comunitários, e de organizar o trabalho em função do ritmo da vida comunitário. O critério de opções, de acordo com São Vicente, só pode ser a evangelização dos pobres.

Conhecemos muito bem o interesse que São Vicente tinha pela Comunidade. Portanto, a partir de 1618, quando os pobres se tornaram para ele os mestres e senhores, efetivamente, foram eles que se impuseram, e as estruturas foram flexibilizadas e adaptadas. São Vicente nunca escolheu os pobres, para ficar apenas com aqueles cujo serviço não viesse perturbar a vida da Comunidade, pois, agir assim, teria sido para ele uma profunda contradição.

Em algumas ocasiões, tanto para os padres e irmãos da Missão como para as Filhas da Caridade, quando as exigências do serviço dos pobres mostravam-se incompatíveis com as da convivência, São

Vicente deu prioridade às exigências do serviço, porém com a preocupação de manter os “passantes” como diríamos atualmente, em relação viva e permanente com a Comunidade.

São Vicente nisto era bastante lógico: o meio deveria adaptar-se à finalidade e não a finalidade ao meio. É certo que as condições do trabalho missionário atual nos incitam e nos obrigam a encontrar esta flexibilidade, mas como São Vicente, não devemos jamais nos resignar ao relaxamento dos laços comunitários. De fato, não é uma questão de sacrificar a Comunidade à Missão, mas, como São Vicente nunca deixou de fazê-lo, deve-se constantemente adaptar a Comunidade às condições atuais e concretas da Missão. Sem dúvida, para isso, precisaremos de um espírito inventivo, uma grande fidelidade e perseverança, para constantemente compor e recompor os nossos laços comunitários na Missão de hoje.

Portanto, para São Vicente, a Comunidade está fundada na Missão: ela é apenas um meio, porém um meio privilegiado para a Missão. A condição que a Comunidade seja verdadeiramente uma Comunidade que partilha: partilha o trabalho, a oração, os bens, como lembram nossas Constituições, em coerência com São Vicente.

Ao ler as cartas, conferências e as repetições de orações, não podemos deixar de nos impressionar pela quantidade de ocasiões de partilha que existem nas Comunidades vicentinas, pela variedade destas ocasiões e pela espontaneidade destes intercâmbios. Foi assim para a Congregação da Missão e ainda mais para a Companhia das Filhas da Caridade.

Quando São Vicente organizou seus primeiros grupos de trabalho (poderíamos dizer: suas primeiras comunidades, as Confrarias) já demonstrou um inegável sentido de colegialidade e de corresponsabilidade. Aliás, é surpreendente encontrar estas qualidades em uma pessoa com seu temperamento. Foi a um grupo, a uma equipe que ele confiou o trabalho ou a missão. Aliás, existiam responsáveis sempre eleitos pelo grupo e por um tempo de mandato, geralmente bastante curto, de maneira a permitir uma renovação. Mas, estes responsáveis tiveram sempre a obrigação de prestar conta ao grupo ou a equipe, e as decisões importantes foram sempre tomadas por maioria de votos. Estas estruturas, que podemos qualificar como “democráticas” são surpreendentes no contexto do século XVII, e da parte de uma personalidade como a de São Vicente. Encontramos com adaptações este espírito de “colegiado”, na concepção comunitária da Congregação da Missão e da Companhia das Filhas da Caridade.

A propósito da relação autoridade-obediência, por exemplo, confesso ficar surpreso, após ter lido São Vicente, da maneira rígida e rigorosa, como nos foi apresentada. Certamente, encontramos em São Vicente os dados clássicos e tradicionais da espiritualidade sobre este assunto e, é verdade que, na prática, São Vicente, às vezes, demonstra uma grande firmeza. Mas, em última análise, ele descreve a responsabilidade muito mais como um animador do que como um superior. Aliás, existem passagens muito saborosas sobre os superiores que se julgam superiores e que se impõem. Assim, ele escreve a Benjamin Huguier, padre da Missão em Marseille, em 5 de maio de 1658:

*“Dizer que tendes alguma afeição a superioridade, não ousaria pensar. Ah! Este não é o meio para ser feliz. Aqueles que estão encarregados gemem sob o fardo, porque sentem-se fracos para carregá-lo e se sentem incapazes de guiar os outros. Mais ainda, se alguém presumisse o contrário, faria gemer seus inferiores, porque faltaria-lhe a humildade e outras graças necessárias, para servir de consolo e de bom exemplo aos outros”* (Coste VII, 143-144).

Aliás, para São Vicente, a prova de um bom Superior era que não fosse visto como tal em sua Comunidade e, nisto existe muito mais do que anedota, pois São Vicente desejava uma autoridade bem

inserida, no grupo ou na Comunidade. São Vicente escreveu em 1656 para Antônio Durand, nomeado superior do Seminário de Agde:

*“Sobretudo, não mais tendais a paixão de parecer superior, nem o mestre. Não concordo com uma pessoa que, há poucos dias, me disse que para bem administrar e manter sua autoridade, era necessário demonstrar quem era o superior. Ó meu Deus! Nosso Senhor Jesus Cristo não falou desta maneira. Ele nos ensinou exatamente o contrário, através da palavra e do exemplo, nos dizendo que Ele mesmo tinha vindo, não para ser servido, mas para servir os outros, e que aquele que quisesse ser o mestre deveria ser o servo de todos. Entrai pois, nesta santa máxima, procedendo assim com aqueles com quem ireis conviver, como um entre eles, dizendo-lhes primeiro que vós não viestes para controlá-los, mas para servi-los; fazei isto dentro e fora, e sereis feliz”* (Coste XI, 346).

Mais surpreendente ainda, é este conselho que dá ao Padre Antônio Portail, superior da Missão em Cévennes :

*“Espero muitos frutos da bondade de Nosso Senhor, se a união, a cordialidade e o suporte reinar entre vós dois. Em nome de Deus, senhor Padre, esteja nisso vosso grande esforço. E como sois o mais antigo, o segundo da Companhia e o superior, suportai tudo, digo-vos, tudo, do bom Padre Lucas. Digo ainda tudo, de tal modo que despojando-vos da condição de superior, vos acomodeis a ele, na caridade. É o meio pelo qual Nosso Senhor conquistou e dirigiu os apóstolos e o único pelo qual ganhareis o Padre Lucas. Assim, sendo, dai espaço ao seu humor, sem nunca contradizê-lo de imediato. Adverti-o, cordial e humildemente, depois. Que não apareça, sobretudo, nenhuma cisão entre vós. Estais numa situação na qual um ato de azedume é capaz de estragar tudo. Espero que procedais assim e que Deus se servirá de um milhão de atos de virtude que praticardes a esse respeito, como base e fundamento do bem que deveis fazer nesse lugar”* (SV I, pág. 125).

Não podemos nos estender nesta relação autoridade-obediência na Comunidade, segundo São Vicente, mas muitos outros textos ilustram e mostram que, para São Vicente, o superior deve ser sobretudo o animador de uma equipe apostólica.

Certamente, este é o papel que São Vicente desempenha em suas comunidades, suscitando e animando de maneira excepcional as partilhas e colóquios.

Teríamos ainda que fazer um estudo sobre dinâmica de grupo, por exemplo sobre sua animação das Filhas da Caridade, sobre sua técnica para facilitar a expressão de cada uma (cf. Coste XIII, 589-761), sobre sua maneira de dar a mesma oportunidade e a mesma atenção às Irmãs menos cultas, que não sabiam nem ler e nem escrever. Em tudo isto, aliás, ele tinha muito mais que uma técnica, tinha uma concepção e quase uma teologia da Comunidade, onde cada um pode e deve participar, da mesma maneira que outros, no trabalho de todos, na oração de todos, na vida de Comunidade.

O que acabei de mencionar sobre as Filhas da Caridade, nós o encontramos mais particularmente no comportamento de São Vicente diante dos Irmãos coadjutores nas Comunidades da Missão. As regras comuns falavam de maneira forte sobre *“sua participação na Missão através de suas orações, suas lágrimas e mortificações”*. Mas, além destes termos, talvez, desagradáveis, tinha também os lugares confiados por São Vicente a Bertrand Ducournau, a Luís Robineau, a João Parre, a Mateus Regnard, a Alexandre Véronne e a tantos outros. Houve também sua participação à oração da Comunidade, por exemplo: as repetições de oração.

É interessante observar ao mesmo tempo que a repetição de oração foi uma forma de partilha, inventada e lançada pelo próprio São Vicente. Alguns chegaram mesmo a pensar que ele se orgulhava disso.

*“ ... a repetição de oração que era então, inédita na Igreja de Deus e que foi introduzida depois em várias comunidades bem organizadas, onde se pratica agora com muito fruto, como isto nos veio ao pensamento? Não sei. Como a ideia dos demais exercícios e trabalhos da comunidade nos veio a mente? Também não sei. Isto foi, simplesmente, acontecendo, pouco a pouco, um após o outro ”* (Coste XII, 9).

E, depois: *“Senhores, não faremos hoje a repetição, porém trataremos sobre um outro assunto que será muito útil para a companhia (o estabelecimento de um seminário em São Lázaro); portanto, adiaremos para uma outra ocasião a repetição da oração que é um meio, senhores, como vós o sabeis, dos mais necessários que temos para nos inflamar mutuamente na devoção. Temos motivos para agradecer a Deus por esta graça concedida à Companhia e podemos dizer que esta prática jamais foi utilizada em nenhuma comunidade, exceto na nossa ”* (Coste XII, 288).

Isto se realiza por si mesmo, pouco a pouco, como tantas outras coisas na vida de São Vicente. Da oração em comum, passou-se, quase imperceptivelmente, à partilha de oração. Para reencontrar na repetição da oração uma partilha de oração, precisaríamos talvez, desconsiderar experiências, muito marcadas pelo formalismo. Mas, ao ler, nas obras de Coste, as repetições de oração que foram conservadas, percebe-se que esta invenção vicentina constituía com frequência uma verdadeira partilha de oração, e uma espécie de revisão de vida. Era claramente um tempo forte na vida da comunidade vicentina. A este nível de partilha, os Irmãos coadjutores, mais do que outros, muitas vezes impressionavam São Vicente. Quem de nós, os mais velhos, não viveu, alguma vez, uma experiência semelhante?

São Vicente dizia às Filhas da Caridade:

*“A devoção, as luzes e favores espirituais, são com mais frequência comunicados...aos que são simples e humildes...Estou persuadido de que a ciência de nada serve e que um teólogo, por sábio que seja, não encontra na sua ciência auxílio algum para a sua meditação. Ordinariamente Deus comunica-se mais aos simples e aos ignorantes de boa vontade do que aos maiores sábios; temos disso muitos exemplos... Entre nós, os irmãos fazem às vezes melhor repetição de oração e têm mais belos conceitos do que nós, os padres... ”* (Continuação da conf. de 22 de janeiro de 1645, pág. 149).

*“Creio que já vos disse isto duas vezes, mas repeti-lo-ei ainda: fazemos na nossa casa a repetição de oração, não todos os dias, mas de dois em dois dias ou de três em três conforme o permite a Providência. Ora, graças a Deus, os sacerdotes fazem-na bem, os clérigos também, uns mais, outros menos ... mas quanto aos nossos pobres irmãos, oh! Neles se verifica a promessa que Deus fez de Se revelar aos pequenos e aos humildes, pois ficamos admirados com as luzes que Deus lhes dá... Será um pobre sapateiro, um padeiro, um carroceiro, e todavia enchem-nos de admiração. Falamos às vezes entre nós, cheios de confusão, por não sermos tais como os vemos a eles. Dizemos uns aos outros: “Vede esse pobre Irmão : não reparastes nos belos e bons pensamentos que Deus lhe deu ? Isto não é admirável? Pois o que diz, não o diz por o ter aprendido antes; é depois de ter feito oração que o sabe.... ”* (Conf. de 31 de Maio de 1648, págs. 276 e 277).

E São Vicente, tão santo que era, confessou: *“Asseguro-vos que não poderia explicar-vos o bem que isto nos faz. Não é de se acreditar que Deus me conserve insensível durante a oração. Minha esperança é de que sempre poderei aprender de algum bom Irmão umas ideias que tenha tido e assim chegarei a aproveitar delas. Assim o espero da bondade de Deus que nunca falta ”* (Documento 465,pág. 578). É isto a partilha de oração, que São Vicente reconheceu e que o alimentou e o ajudou.



Pode-se ver ou imaginar que a repetição de oração era então, certamente, muito próxima desta que vivemos atualmente em partilhas do evangelho ou em revisões de vida, das lembranças que podemos guardar de certos exercícios de nossa juventude... ainda que a repetição de oração do Irmão Guerre, do Irmão Vandaele ou do Irmão Puyo teve o seu grande valor diante do Senhor.

De qualquer maneira, uma Comunidade verdadeiramente vicentina que partilha seu trabalho, não pode deixar de partilhar sua oração. Primeiro, partilhar a Eucaristia, sobre a qual gostaria de falar longamente... também partilhá-la tentando encontrar a simplicidade, a espontaneidade e a franqueza que São Vicente suscitou, e que o ajudaram sua própria oração.

Gostaria de concluir com uma palavra de São Vicente que sintetiza todo seu pensamento sobre a Comunidade: esta palavra é **mutualidade**. Nesta palavra, encontramos a partilha do trabalho, a ideia da corresponsabilidade e a necessidade da comunicação fraterna. Em vez de analisar e discutir, prefiro que leiamos a passagem que São Vicente nos revela esta palavra:

*“Meu Pai, resta agora falardes algo sobre a maneira de nossas Irmãs agirem entre si. Não vos parece bom seja proposto que tenham todos os dias, algum tempo para estarem juntas? Uma meia hora mais ou menos, para contarem-se mutuamente as coisas que tenham feito, as dificuldades que encontraram e planejarem juntas o que têm para fazer?”*

*- Oh ! Meu Deus ! Sim, disse o nosso Honoratíssimo Pai. É preciso uma grande comunicação de uma com a outra ; é preciso que tudo seja dito umas às outras. Isso une os corações e Deus abençoa os conselhos que assim são recebidos, de forma que os trabalhos melhoram. Todos os dias, durante o recreio, podeis dizer : ‘Minha Irmã, com quem vos encontrastes? Hoje, aconteceu-me isso; que vos parece?’ Tal atitude torna a conversa tão agradável que nem podeis imaginar. Ao contrário, quando cada uma faz suas coisas à parte, sem nada dizer às outras, tudo se torna insuportável. Há uma Irmã Servente na Companhia que penaliza enormemente as suas Irmãs por ter este temperamento fechado; quanto a mim, tenho a experiência de que onde temos na Missão uns pobres homens, se, entretanto, há um superior que seja aberto e se comunica com os outros tudo vai bem ; ao contrário, quando há um que se fecha em si e age individualmente por sua conta, isso afasta os corações e não há quem se atreva a aproximar-se dele. Assim, pois, minhas filhas, é preciso que nada se passe, nem se faça, nada se diga, sem que o saibais uma e outra. É necessário haver esse dar e receber, essa **mutualidade**”* (Documentos 443 págs. 533 e 534).

Padre Jean Morin, cm